

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

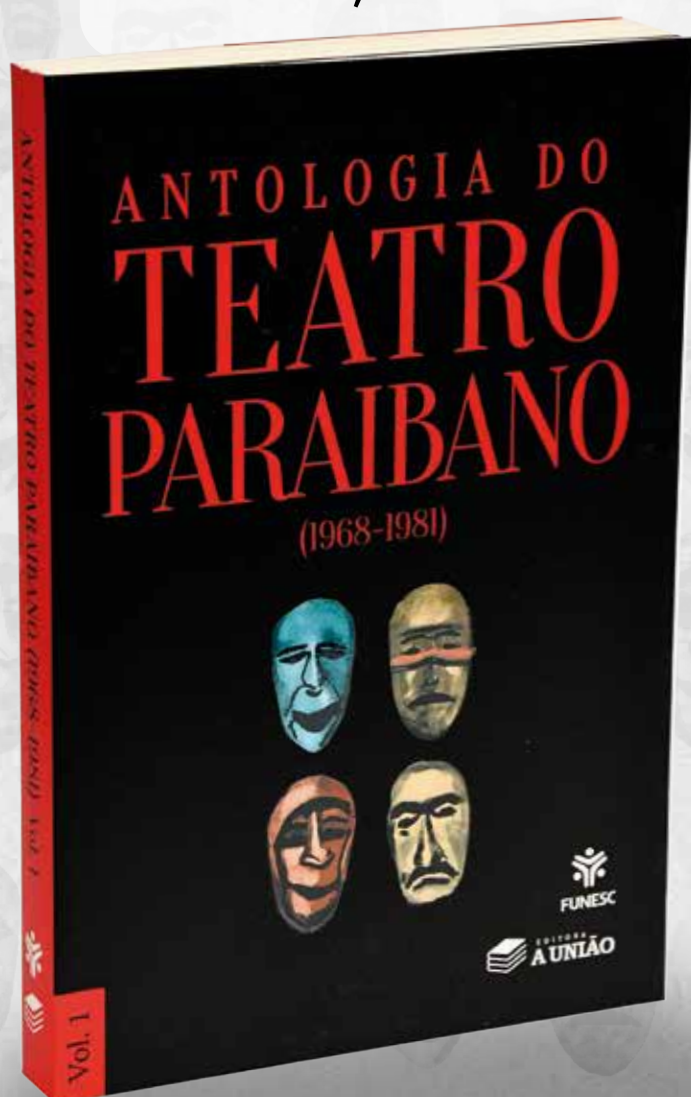
Dezembro - 2022
Ano LXXIII - Nº 10
R\$ 12,00



Um olhar sobre a Pedra do Ingá

Conheça as ideias e conceitos por trás
da obra "ÍNDICE itacoatiara do ingá" do
artista João Lobo, exposta em Portugal

Organizada por **Diógenes Maciel**, **Monalisa Colaço** e **Suzy Lopes**, a *Antologia do teatro paraibano* tem o selo da **Editora A União** em mais uma parceria com a **Fundação Espaço Cultural**. A obra reúne cinco peças que marcaram o teatro paraibano entre os anos de 1968 e 1981, constituindo-se como importante referência na literatura que versa sobre a arte teatral do estado. Essa publicação destaca os textos, os autores e adaptadores, trazendo, inclusive, registros fotográficos que enriquecem a experiência do leitor, fazendo uma ode à memória.



LANÇAMENTO

📅 14 de dezembro

🕒 18h

📍 Fundação Casa José Américo,
Cabo Branco

📱 @editoraauniao



Da Paraíba à Portugal

A proposta da matéria de capa desta edição é dar um mergulho profundo, e de cabeça, no projeto *ÍNDICE itacoatiara do ingá*, escrito assim mesmo, com a primeira palavra toda em maiúsculo e as seguintes, completamente em letras minúsculas, como batizou seu criador, o artista visual João Lobo. Nascido em Brejo do Cruz, no interior da Paraíba, portanto, conterrâneo do cantor e compositor Zé Ramalho, João Lobo se mudou, há cerca de oito anos, para Lisboa, em Portugal.

Levou consigo a mística da Pedra do Ingá, sítio arqueológico tombado pelo patrimônio histórico, e ao receber um convite do Museu Nacional de História Natural da Ciência português para celebrar o bicentenário da Independência do Brasil, não pensou duas vezes em

Outro destaque desta edição é o riquíssimo material acerca de um dos grandes talentos da literatura paraibana: Maria Valéria Rezende

mostrar, em territórios internacionais, a riqueza cultural, artística e histórica de um monumento natural e importantíssimo da nossa Paraíba.

Outro destaque desta edição é o riquíssimo material acerca de um dos grandes

talentos da literatura paraibana: Maria Valéria Rezende. Mais adiante, o leitor irá encontrar um perfil da freira missionária nascida em Santos, que se descobriu uma grande escritora quando passou a morar em João Pessoa, na Paraíba e que, neste mês de dezembro, chegou a bem-vividos 80 anos de idade.

Nossa repórter Alexandra Tavares também conversou com Maria Valéria, resultando em uma entrevista exclusiva na qual a premiada autora de *40 dias e Carta à rainha louca*, entre outros livros, fala sobre suas origens, viagens pelo mundo e, claro, os novos projetos.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



RESENHA

Professor Hildeberto Barbosa Filho faz uma avaliação sobre o livro 'Por cima do mar', vencedor do Prêmio Casa de Las Americas.



EXCLUSIVO

O poeta Cesar Augusto de Carvalho concedeu um longo depoimento ao colega paraibano Sérgio de Castro Pinto sobre sua vida e obra.



POETA DO 'EU'

Milton Marques Júnior volta à Augusto dos Anjos com régua e compasso para o leitor entrar mais fundo nas entrelinhas dos poemas do paraibano.



CINEMA

Alex Santos e João Batista de Brito se unem para celebrar a Academia Paraibana de Letras e um de seus patronos mais ilustres: Barreto Neto.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509



O índice de João Lobo

SOBRE AS ITACOATIARAS DO INGÁ

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá, localizado na zona rural da cidade de Ingá, Agreste paraibano, por si só já tem um potencial histórico e artístico imensurável. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde maio de 1944, está inscrito no *Livro de Tombo das Belas Artes* e no *Livro do Tombo Histórico*, sendo o primeiro monumento de arte rupestre protegido no Brasil e o único reconhecido, também, pelo seu valor artístico, além do histórico. Inspirado nas belezas dessas representações não figurativas, de padrões estéticos abstratos registrados em rochas, o ar-

João Lobo se debruçou sobre as inscrições rupestres da Pedra do Ingá e criou uma releitura repleta de novos significados, obra que foi exposta no Museu Nacional de História Natural da Ciência, em Lisboa, onde o artista mora atualmente

▶ tista visual paraibano João Lobo, radicado em Portugal, realizou um trabalho fotográfico, iniciado há mais de 15 anos, que resultou na exposição ÍNDICE *itacoatiara do ingá*.

O trabalho esteve exposto de 2 de setembro a 2 de outubro no Museu Nacional de História Natural da Ciência (Muhnac), em Lisboa. Para João Lobo, um dos desafios desta iniciativa foi não querer apresentar as belezas das figuras rupestres tal qual elas se apresentam – com suas cores e texturas originais. Ele queria ir além, e criar uma arte sobre a arte por meio dos recursos fotográficos que domina, fazendo uma releitura dos painéis gravados pelos povos que viveram há milhares de anos em Ingá.

Para isso, o artista visual lançou mão de filmes analógicos com datas de validades alteradas para subverter a técnica e reproduzir impressões visuais ampliadas das gravuras. Também usou tecnologia digital para produzir imagens com longas exposições.

“As inscrições da Pedra do Ingá, em sua composição, já são uma obra de arte. Arte pré-histórica, mas realizada com a destreza de um grande artista ou artistas. Não fazia sentido, se eu pretendia desenvolver uma expressão artística, reproduzir mimeticamente aquele painel. Dessa forma, procurei distanciar-me dos parâmetros da fotografia documental com intervenções técnicas - desde a utilização de películas fora de validades até intervenções dentro do laboratório com a utilização de equipamentos e matérias incomuns ao processo fotográfico que registra”, afirmou.

Para criar um conceito à partir das gravuras esculpidas nas pedras de Ingá, João Lobo explicou que procurou estabelecer uma linha discursiva entre passado, presente e futuro, reunindo um conjunto de 30 fotografias. Assim, a mostra fotográfica foi dividida em três capítulos: *Yesterday*, *Today* e *Tomorrow*. Em cada fase, as ima-

Yesterday

IMAGENS: JOÃO LOBO/DIVULGAÇÃO



'Yesterday', 'Today', 'Tomorrow': obra estabelece linha discursiva entre passado, presente e futuro, reunindo um conjunto de 30 fotografias

gens foram postas em suportes feitos de diferentes materiais, como acrílico e madeira, numa combinação apropriada a cada etapa cronológica a qual foi destinada a série de imagens.

No primeiro capítulo, Lobo apresenta 10 fotografias analógicas que tiveram intervenções nos materiais e equipamentos. A ideia foi levar o espectador ao passado. Neste bloco, ele explicou como foi trabalhada a formatação dos suportes de apresentação. “Busquei apresentar as imagens em material que vai de impressão em madeira envelhecida, sem tratamento, para caracterizar a sensação de antiguidade (foi exposto sem suporte, cru). Também imprimir em lona envelhecida e tela de pintura. De outra forma, para caracterizar com maior eficiência o conceito de antiguidade, expus este conjunto de fotografias em molduras da Era Pombalina (referência ao período em que o Marquês de Pombal foi primeiro-ministro de Portugal) com a mesma intenção, isto é, transmitir ao espectador a aparência da antiguidade”, explicou.

Na fase subsequente, ou seja, *Today*, o artista optou por fotografias realizadas com as duas tecnologias - analógica e ▶

▶ digital, como forma de promover o diálogo das duas técnicas, que se comunicam numa linguagem uníssona. Estas imagens, segundo ele, possuem um aspecto mais próximo das representações míméticas. “Contudo, diante da minha experiência com a fotografia, são obras com o diferencial de um olhar apurado diante da matéria, ou seja, as gravuras talhadas na pedra. Este conjunto foi impresso em papel fotográfico e está apresentado em molduras comuns”, disse.

No capítulo final, *Tomorrow*, o artista visual trabalhou com tecnologia digital, com grandes intervalos de exposição e variados movimentos da câmera. João Lobo ressaltou que, nesta etapa, as imagens não sofreram manipulação eletrônica, pós-fotográfica. Isto quer dizer que são conteúdos fotográficos expostos exatamente como foram captados. Este material foi impresso e apresentado na exposição em placas de acrílicos (duas placas sobrepostas), para fornecer a sensação de tridimensionalidade, remetendo o observador ao futuro. “Este é o conceito básico da mostra. O passado e o presente a prospectarem o futuro. E, claro, é esta a percepção que pretendo passar ao espectador”, declarou.

O projeto

Separar cada imagem captada em Ingá e atribuí-la ao respectivo capítulo - *Yesterday*, *Today* e *Tomorrow* – bem como a forma como iria trabalhar as técnicas fotográficas não foram tarefas simples para o artista que já atua na área há mais de 40 anos. Segundo ele, encontrar o “ponto cêntrico” para um projeto como esse, é uma tarefa desafiadora para qualquer artista. “A adequação ao conceito de tempo (tanto na produção das fotografias como nos formatos de apresentação) foi o que nos pareceu mais coerente com a não repetição de uma obra que está patente no universo artístico há milhares de anos”, afirmou.

Today



IMAGENS: JOÃO LOBO/DIVULGAÇÃO



Se 'Yesterday' é composta por 10 fotografias analógicas repletas de intervenções, as imagens de 'Today' combinam tanto a tecnologia analógica, quanto a digital

▶ COMO SURTIU A IDEIA DO 'ÍNDICE'

O interesse em fotografar as gravuras registradas nas pedras do sítio de arte rupestre das Itacoatiaras de Ingá começou em 2004. Entre algumas pausas e retomadas, o trabalho passou por diversas fases de criação, demorando pelo menos 15 anos para ser concluído. Morando em Portugal há oito anos, ele recebeu o convite do Museu Nacional de História Natural da Ciência ((MUHNAC) para expor um trabalho comemorativo ao bicentenário da Independência do Brasil. Assim, o projeto Itacoatiara, inédito até então, ressurgiu, ganhando vida e um propósito especial para ser apresentado ao público.

O nome da exposição - 'ÍNDICE itacoatiara do ingá' - tem a ver com a reflexão que o artista faz sobre as gravuras encontradas no sítio rupestre da Paraíba. "No meu entendimento, o que se encontra gravado nas pedras do Ingá é uma compilação de assuntos. Naquele monólito está escrito, penso eu, alguns aspectos dos sistemas de vida de uma civilização, da cultura vigente e, sobretudo, do dialeto usado na época".

Fazendo um paralelo das figuras de Ingá com a cultura contemporânea, o artista visual ressaltou que por toda parte da sociedade há diferentes símbolos usados na comunicação humana. Eles podem estar nas placas de trânsito, sinalizando os ambientes de um órgão público ou mesmo nas figuras vistas nas redes sociais, os chamados *emojis*, entre outros locais.

"Toda essa linguagem visual exposta hoje em dia indica alguma atividade: localidade, localização, reação emocional. São símbolos que nos remetem a alguma interpretação e, vale dizer,



FOTO: ARQUIVO PESSOAL DE JOÃO LOBO

Concepção artística criada por João Lobo procura traduzir escrita rupestre como uma espécie de enciclopédia que narra a vida de um povo, um "índice" simbólico

de forma automática", declarou e prosseguiu: "O que pude perceber naquele monumento (de Ingá) é que aquelas impressões exibiam um conhecimento coletivo de leitura fácil e rápida, como acontece nos nossos dias".

Como ainda não há um consenso na comunidade científica sobre a tradução das gravuras rupestres de Ingá, Lobo percebeu que a concepção conceitual que ele criou pode, por meio de uma expressão artística, traduzir aquela escrita como uma espécie de enciclopédia que narra a vida de um povo, um "índice" simbólico.

"Diante disso, encontro apoio para as minhas cognições nas gravuras da Pedra do Ingá como um livro vivo, em movimento, que transpassou os milênios e, até hoje, permanece indecifrável, cujo enigma pode ser revelado pela força criativa da arte". Segundo ele, se esse conteúdo gravado em monólitos ainda permanece indecifrável para os pesquisadores, "naturalmente vai sempre se tornar um terreno fértil para toda sorte de especulação e, certamente, para a arte".

“

O que pude perceber naquele monumento (de Ingá) é que aquelas impressões exibiam um conhecimento coletivo de leitura, fácil e rápida, como acontece nos nossos dias

João Lobo ▶



FOTO: ARQUIVO DE JOÃO LOBO

Divulgação

– A exposição **ÍNDICE itacoatiara do ingá** foi pauta nos meios de comunicação de Portugal e do Brasil, sempre com avaliações positivas sobre o trabalho artístico e documental de João Lobo. Entre esses veículos estão Vida Económica, Revista Nordeste e Jornal Económico.

► PATRIMÔNIO HISTÓRICO PARAIBANO À LUZ DA ARTE

A exposição *ÍNDICE itacoatiara do ingá*, cuja curadoria ficou sob a responsabilidade de Sofia Marçal, chamou a atenção da imprensa portuguesa, que ressaltou não apenas o trabalho minucioso de João Lobo, mas enfocou o patrimônio histórico e artístico das inscrições registradas no sítio rupestre da cidade paraibana. Segundo Marta Lourenço, diretora do Museu Nacional de História Natural da Ciência (Muhnac), em Portugal, apesar das mais de três décadas de existência do museu e da grande diversidade de temas abordados no local, não é frequente o programa de arte, ciência e natureza do Muhnac apresentar cruzamentos entre o passado, o presente e o futuro por meio da história e da arqueologia.

“Foi, por isso, extremamente gratificante acolhermos a exposição *Índice*, de João Lobo, que trabalhou a arte rupestre presente na Pedra de Ingá ou *Itacoatiaras do Ingá*. Classificado como monumento nacional desde 1944, este excepcional sítio na Paraíba, Brasil, apresenta um enigmático bordado em baixo-relevo, cuja complexidade de linguagem e de símbolos ainda se encontra largamente por estudar”, declarou.

Marta Lourenço, que também é coordenadora Nacional do Por-

tuguese Research Infrastructure of Scientific Collections (Prisc), frisou que João Lobo, com sua “ousadia e inspiração inquieta”, fotografou as formas esculpidas no monolítico para revelar *ÍNDICES* capitulares de uma enciclopédia pré-histórica ainda por compreender.

Ela recordou que, neste trabalho, o artista brasileiro divide a estética do mural rochoso do Ingá em três capítulos: passado (*Yesterday*), presente (*Today*) e futuro (*Tomorrow*). “Dando voz a uma dimensão futurista que somente a arte pode, deve e tem liberdade para fazer, o artista interconecta os três tempos para, dessa forma, construir a sua perspectiva, não pelo domínio da ciência, mas pela criação que não se intimida com a complexidade das linguagens e estabelece as suas criações com base, unicamente, no seu próprio processo criativo”.

Já a curadora Sofia Marçal enfocou que é importante divulgar a cultura, a história e difundi-las, tornando-as globais, sem as desvirtuar. “As fotografias aqui apresentadas são disso testemunho, e remetem-nos para a necessidade de o artista registrar e construir um trabalho circunscrito num pensamento direcionado para a problemática histórica e da sua representação artística”.

Ela comentou que neste trabalho fotográfico, João Lobo dialoga com indícios através de gradações luminosas e cromáticas captadas pela câmera. Assim, os traços e registros que

se encontram na pedra ganham importância sobre o olhar do fotógrafo. “O mundo visível é novamente um mundo de traços, onde o invisível recebe o encargo de impressionar-se no visível.”

Ao citar palavras do próprio João Lobo, ela afirmou que o trabalho assinala “questões fundamentais da história da arte pré-histórica, sobre representação e abstração que essa proposta artística pode anunciar. As imagens de *ÍNDICE itacoatiara do ingá* possuem uma perspectiva puramente artística do monumento arqueológico. Sendo assim, promove a discussão sobre a transformação de artefatos arqueológicos em criações artísticas, sobretudo de sítios pré-históricos.”

Marçal ainda salientou que, em direção oposta ao realismo social, Lobo preferiu o sonho e o mundo de formas voláteis que a luz, geralmente, sugere, mesmo sendo, por vezes, onírica, com a dimensão ilusória que se projeta sobre o real. “A fotografia documental, além de difusora de informações, é também provedora de prazer estético e formadora de opinião. João Lobo procura nas suas obras recuperar, por meio dos detalhes de alguns signos desse grande painel de gravura, a magia que certamente envolvia os cultos lá praticados”.

▶ EXPOSIÇÃO SERÁ REGISTRADA EM LIVRO

Além de ficar exposta para os admiradores da arte visual, o trabalho *ÍNDICE itacoatiara do ingá* também será registrada em livro. Segundo o fotógrafo João Lobo, os textos virão traduzidos em quatro idiomas: inglês, francês, espanhol e português. A obra, com previsão de ser publicada no segundo semestre de 2023, trará depoimentos de artistas, pesquisadores e críticos de artes do Brasil, da Argentina e dos Estados Unidos.

Trata-se de um ensaio crítico dissertado com participação de várias pessoas, como escritores, pesquisadores e artistas visuais. A publicação segue o mesmo roteiro da exposição, obedecendo os capítulos *Yesterday*, *Today* e *Tomorrow*. “Uma parte do livro vai conter as fotografias, e a outra os textos escritos nesses quatro idiomas”, frisou Lobo.

Vale ressaltar que os textos de cada idioma estarão separados na obra, ou seja, se um leitor quiser acompanhar todos os depoimentos apenas em português, bastará ir na seção destinada a este idioma e encontrará todos os textos; mas se ele preferir ler em francês, terá de pular para outra seção da obra, e, assim, sucessivamente.

TESOURO NACIONAL

O termo itacoatiara, segundo o Iphan, é originário da língua Tupi-Guarani e significa escrita ou desenho na pedra. O sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá está localizado na zona rural do município paraibano de Ingá, cuja cidade sede encontra-se a cerca de 105 quilômetros de distância da cidade de João Pessoa, capital paraibana. O município é parte da depressão sertaneja, unidade geoambiental típica do semiárido nordestino.

Esse patrimônio cultural, protegido pelo Iphan, reúne o mais representativo conjunto conhecido desse tipo de gravura no

Tomorrow

IMAGENS: JOÃO LOBO/DIVULGAÇÃO



No capítulo final, João Lobo trabalhou com tecnologia digital, utilizando grandes intervalos de exposição e variados movimentos da câmera

Brasil, destacando-se pelo uso quase exclusivo de representações não figurativas na composição de grandes painéis de arte rupestre.

O sítio arqueológico mostra como grupos humanos associados à “tradição itacoatiaras” se apropriaram de um ambiente natural, formado a partir da interação direta entre rochas e água, e o transformaram para finalidades sociais, religiosas culturais e artísticas.

▸ A CAPTAÇÃO DO MISTÉRIO NO “SEIO DO PRÓPRIO MISTÉRIO”

João Lobo nasceu em Brejo do Cruz, na Paraíba, mas como ele mesmo diz, já se tornou um cidadão luso-brasileiro. O interesse do artista pelas inscrições rupestres de Ingá, que resultou na exposição em Portugal, surgiu naturalmente na vida do fotógrafo. Segundo ele, esse patrimônio histórico paraibano chama a atenção de toda comunidade artística, acadêmica e científica.

“Era natural que eu, paraibano, fosse interceptado pelo poder criativo daquele monumento e, a partir dele, procurasse desenvolver uma obra que tivesse como fonte criadora, ou a inspiração, as gravuras incrustadas naquela pedra”, declarou. O trabalho de Lobo, além de intensificar os holofotes para um tesouro nacional, de origem paraibana, trouxe a admiração de intelectuais, escritores, artistas visuais da Paraíba e também de outros estados e países.

Um deles foi o escritor, dramaturgo e artista visual W.J.Solha. Ele caracteriza *ÍNDICE*, como uma “deslumbrante série fotográfica de João Lobo”, que o remete ao também paraibano Augusto dos Anjos, dando voz ao ainda incógnito ser humano que – não em papel, pergaminho ou papiro, mas na pedra – deixou a marca de sua passagem no planeta.

Solha frisou que acompanha as criações do fotógrafo paraibano há anos e que o convite do Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Portugal – para celebrar com uma exposição artística os 200 anos de independência do Brasil, foi uma “excelente surpresa”, cujo resultado foi “sinfônico, belíssimo, fascinante!”.

“Como se lê no *Ulysses*, de Joyce, ‘Falar do mistério no seio do próprio mistério: isto é arte!’. João Lobo, ao construir sua mostra com a mística dos números três, 10 e 30, nos leva, num cres-

cendo, de *Yesterday* para *Today*, e de *Today* para o clímax notável, que é *Tomorrow*, onde o gênio da Pedra do Ingá eclode num novo gênio da fotografia”, declarou Solha.

A mesma impressão positiva teve o escritor paraibano Aldo Lopes de Araújo, que ao questionar a origem das inscrições registradas em pedra por seres do passado, seja na Paraíba ou em outros cantos do mundo, se pergunta: “Que ‘caneta’ formidável foi usada para abrir fissuras na rocha, cavar escrita tão especial e misteriosa? Um cinzel da era dos metais, uma lasca da pedra lascada ou o poderoso raio *laser* de alienígenas?”.

De acordo com ele, o fotógrafo João Lobo farejou o sítio do Ingá e fez um trabalho quase arqueológico. “Digo quase, porque o bloco de granito está no meio do tempo, não sendo necessário ao artista adentrar cavernas, tampouco fazer escavações. O objeto

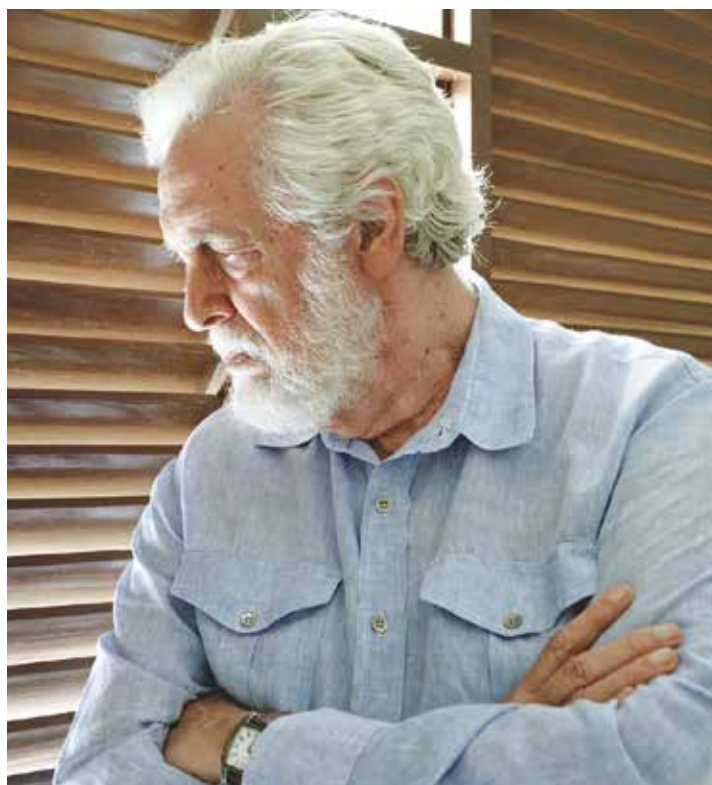


FOTO: ANDREIA SOLHA/DIVULGAÇÃO

Solha, sobre o trabalho de João Lobo: ‘Ao construir sua mostra com a mística dos números três, 10 e 30, nos leva, num crescendo, de ‘Yesterday’ para ‘Today’, e de ‘Today’ para o clímax notável, que é ‘Tomorrow’”

do seu trabalho está exposto ao sol — comprovação do *fiat lux* do criador a fornecer o elemento primordial a outro demiurgo no seu trabalho de reinvenção do mundo. A João Lobo, aqui, não cabe descobrir ou salvar coisa alguma que não seja o registro, prática comum adotada pelos colegas de matilha que o precederam. O único diferencial é a angulação”, disse Lopes.

Para a investigadora em Ciências da Arte e do Patrimônio no Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (Cieba), em Portugal, Bruna Alves Lobo, as inscri-

▶ ções rupestres possuem o poder imanente de provocar. “Com o imperativo reverso de preservar o homem do esquecimento, fantasmagoricamente subsistem ecoando: Lembrem!”.

De acordo com Bruna, o sítio arqueológico Itacoatiaras, em Ingá, possui uma áurea mística: é emoldurado pela fauna resistente do clima árido; o centro é variavelmente preenchido pelas pedras, muitas delas auxiliando o percurso do rio que, em movimento perpétuo, molda as superfícies rochosas lisas e reluzentes. “Este conjunto de vistas conver-

gem a *alma mater* do lugar, uma pedra de 24 metros de extensão que concentra grande parte das inscrições pré-históricas. Estes enigmas associados, por vezes, com a religião, outras vezes com a ciência, provocaram a imaginação de João Lobo”

Ela, que também é doutoranda na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, destacou que esse patrimônio, tombado pelo Iphan, parece uma espécie de nostalgia, uma força maior que induz o observador a reconhecer alguma memória particular, associada com os vestígios dos an-

tepassados humanos – os artistas pré-históricos. E nesse ambiente, muitos artistas são motivados a realizarem obras de arte, a partir de outras artes, realizadas em outros tempos.

Ao falar sobre a exposição *ÍNDICE*, Bruna enfatizou que o trabalho atualiza a memória concreta daqueles que esculpiram a pedra, percebida hoje por meio de uma obra de arte contemporânea. “*ÍNDICE* é uma espécie de emanção semântica espoletada pela ótica criativa de João Lobo nas superfícies das Itacoatiaras do Ingá”.

UMA VIAGEM AO PASSADO

Em 2007, numa das visitas que João Lobo fez à Pedra do Ingá, teve como companhia o fotógrafo paulista Thales Trigo, que também fez vários registros do local. Era uma viagem fotográfica, e a visita durou apenas um dia por conta dos compromissos de Thales, mas, se dependesse do amigo Lobo, a incursão poderia durar uma semana.

“Saímos de João Pessoa pela manhã, depois de um café com muita banana frita! Dia lindo, luz, luz poderosa que penetra em todas as frestas. No caminho, fomos parando e parando. A cada cigarro ou quilômetro, maravilhas para um paulista caipira e curioso. Igrejinhas, casinhas de pau a pique, oficinas, bares e botecos, gente muito pobre, curiosa a respeito de um cabeludo que falava como eles e um cara de boné, câmera e uma conversa enrolada”, narrou Thales.

De acordo com ele, a dupla fez muitas paradas, o que adiava a chegada até à Pedra do Ingá. Quando, finalmente, alcançaram o destino, a surpresa foi inevitável. “Nunca pude imaginar tão grande impacto. Tive a oportunidade de conhecer outras belezas

FOTO: LAURA BERNINI/DIVULGAÇÃO



Thales Trigo acompanhou João Lobo à Pedra do Ingá: “Não poderia imaginar que brasileiros pudessem forjar tamanha beleza e mistério”.

da arqueologia, mas, todas precedidas por fotografias e informações amplas. A Pedra do Ingá foi para mim uma beleza virgem. Virgem aos meus olhos e minha imaginação. Não poderia nunca, na minha ignorância, imaginar que brasileiros, como nós, pudessem forjar tamanha beleza e tanto mistério”, declarou.

Diante das inscrições indecifráveis gravados nas rochas, Thales se pergunta até hoje. “O que é aquilo? Não sei. As opiniões são

diversas e algumas muito exageradas para mim. Não levei muito a sério essas teorias, para mim a beleza, curiosidade e ineditismo foram suficientes”.

Os dois companheiros de viagem ficaram na cidade por algumas horas, depois tocaram adiante, por entre “cidadezinhas, cachaça e carne de bode”. No retorno, um pausa no município paraibano de Areia e mais fotografias. De volta a São Paulo, Trigo retomou a vida, deixando Ingá a milhares de quilômetros de distância.

“Agora, depois desses anos, o João me presenteia com essa exposição. Para mim, significa uma volta a um tempo distante e gostoso. É um trabalho importante para o Brasil, para a Paraíba, para os jovens, para os ignorantes. Conhecer a Pedra do Ingá por meio das fotografias do João Lobo acrescenta mistério ao misterioso”, salientou o paulista.

“O trabalho do João na Pedra do Ingá é resultado de muitas viagens, muita conversa, milhares de cigarros, erros, mudanças e um profundo conhecimento da gente do lugar. Gente que tem muito para contar”, acrescenta. ▶

▸ SIGNOS REMOTOS QUE PODERÃO REVELAR O FUTURO

O bibliógrafo André Quiroga afirmou que o trabalho de João Lobo coloca em discussão um patrimônio multissecular, que continua aguardando o devido reconhecimento pela comunidade científica, e uma operação de investigação multidisciplinar sistemática, capaz de descobrir os mistérios desta arte. Segundo ele, as gravuras mostram que os autores usaram meios técnicos distintos daqueles adotados pelos indígenas Tabajaras e Potiguaras - antigos moradores da Paraíba, o que aumentam as perguntas em torno da região.

Quiroga frisou que a autoria desta intervenção monumental paraibana chegou a ser atribuída aos fenícios pelo historiador Ludwig Schwennhagen. Há, ainda, que credite as realizações das populações ameríndias a outras culturas, para tal bastaria recordar as expedições de Thor Heyerdahl, como a Ra II de 1970.

Ele reforça que a reprodução documental das gravuras rupestres reconhecidas pelo Iphan do Brasil, em 1944, “podem ser não apenas uma ponte para o passado e um acervo patrimonial, mas um *road map* para uma sociedade que resolva todas as suas contradições, nascidas da herança colonial ou decorrentes do funcionamento inquinado pelas desigualdades que teimam em persistir até hoje”.

A consciência sobre a importância artística e cultural do sítio arqueológico Itacoatira, em Ingá, também é vista na fala do professor, mestre em História da Arte Contemporânea e membro integrado do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (Cieba), em Portugal, Fernando Rosa Dias. Ele enfocou que o sítio “é uma das regiões historicamente mais inacessíveis e selvagens do Brasil, que foi espaço de resistência, natural e humana (indígena), ao avanço colonial europeu à partir da Era



FOTO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Pedra do Ingá. Do paredão afloram os padrões geométricos abstratos no que é considerado o segundo sítio mais importante do Brasil

Moderna ou pós-Colombiana”.

“Segundo uma *mania* atual, o mistério daquelas inscrições ancestrais provoca com facilidade uma espécie de delírio hermenêutico no esforço de leitura contemporânea – para nós mais provocado que advindo por aquelas inscrições: terão origens fenícias? egípcias? atlântidas? extraterrestres? Enfim, hermenêuticas tão delirantes como neocoloniais. Nós, acreditamos sempre mais na capacidade dos homens do tempo e do lugar das inscrições do que no atrevimento especulativo dos curiosos da atualidade”.

Fernando Rosa afirmou que, se a obra fotográfica de João Lobo tem lidado com uma atualidade móbil, em ação, um novo desafio se lança com estas inscrições tão ancestrais como misteriosas, tão presentes como distantes (uma espessura *aurática*), que tornam circunstancial qualquer olhar atual, mesmo fotográfico. “No fundo, trata-se de esquivar-se tanto ao delírio hermenêutico como ao mero registo documental do que já tem espessura ancestral e artística”.

Outro professor, John Nieto-Phillips, do Center for Research on Race and Ethnicity in Society (CRRES), da Universidade de Indiana, nos EUA, declarou que aquilo que não podemos saber sobre o passado, nos obriga a ima-

ginar o que foi, pois é da natureza humana fazer perguntas, e quando as respostas são escassas, às vezes inventamos. “O desejo de desvendar as verdades mais profundas sobre as imagens do Ingá nos mantém ávidos por explicações”, comentou.

Já as curadoras brasileiras Angela Magalhães e Nadja Peregrino não deixaram de emitir suas impressões sobre o sítio arqueológico paraibano e o olhar de João Lobo. De acordo com Angela, “de um paredão de 50 metros de comprimento, com quase quatro de altura, de uma rocha de gnaiss, não tão dura, afloram os padrões geométricos abstratos no que é considerado o segundo sítio mais importante do Brasil”.

Por sua vez, Nadja Peregrino comentou que, dentro desse contexto, João Lobo “parece querer alçar às alturas o sentimento poético de Fernando Pessoa, que extrai do moderno o perene, atualiza o conceito na matéria viva, revela o eterno no aparentemente transitório”.⁴

“Tal como Pessoa que trouxe em seus versos a fragmentação e a efemeridade características da sua geração, Lobo consegue, em uma sinfonia de notas breves, entrelaçar tempos diversos, que apontam para o futuro do pretérito na fotografia, numa transição progressiva”, compara.

▶ UMA INCÓGNITA QUE COMUNICA?

A artista visual Teresa Palma Rodrigues, que vive e trabalha em Lisboa, afirmou que, por meio do trabalho de João Lobo, sobre as Itacoatiaras do Ingá, não desvendamos os mistérios do monumento pré-histórico, mas conhecemos o olhar do artista. “O seu olhar, a sua maneira de entender o fazer artístico e o modo como a fotografia pode ser usada para responder a um desígnio: o de construir novas realidades visíveis, impulsionadoras de pensamento e interpretação, estabelecendo ligações com outras referências imagéticas ou culturais”.

Segundo Teresa Palma, Lobo danificou películas, transformou as imagens até elas serem apenas isso mesmo – imagens - não documentos, não fotografias de arquivo. Imagens, isentas de classificação científica, arqueológica, ou histórica. E ao dividi-las em grupo – Today, Yestarday e Tomorrow -, a fez viajar nas mais diversas ambientações terrenas, místicas, psicodélicas e espaciais.

Ao falar também do poder imagético e comunicativo da imagem, a fotojornalista e crítica de fotografia do jornal Estado de São Paulo, Simonetta Persichetti, declarou que no ensaio sobre as Itacoatiaras de Ingá, João Lobo

incorporou sua criatividade fotográfica ao mistério que envolve os códigos que os antepassados humanos deixaram inscritos nas pedras.

“A fotografia de João Lobo nos permite uma nova visualidade para aquilo que o tempo já fixou. Na verdade, ele cria novos códigos, que ele ilumina, aponta e nos faz mirar. Ao juntar o passado com o contemporâneo, suas imagens nos obrigam a parar, contemplar. Por meio de seus olhos, nos tornamos exploradores, como se nós também estivéssemos presentes. Essa é a grande força da fotografia, da sua fotografia”, declarou Persichetti.

O diretor do Museo de Arte López Claro, em Buenos Aires (Argentina), Silvio Oliva Drys, também caminha nesse universo místico da fotografia e diz que a sensibilidade de Lobo é “luz e textura”. Para ele, o trabalho do artista feito na Pedra de Ingá o faz lembrar das descrições metafísicas de alguns textos de Borges ou Ray Bradbury, ou mesmo das revelações de James Webb.

“Falamos de um passado e seu eco no presente. Esta série são ecos. João Lobo é um artista metafísico e, portanto, universal. Com a sua câmara, conseguiu estabelecer



A artista Teresa Palma Rodrigues (no alto) e o diretor Silvio Oliva avaliam a obra de João Lobo

uma espécie de diálogo com a tarefa que assume. Ele vai decifrando essas superfícies como se fossem um mapa. E ele consegue”.

PEDRA COMO SUPORTE PARA A COMUNICAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

Ao analisar o ensaio do artista visual João Lobo sobre as inscrições rupestres de Ingá, Susana de Araújo Gastal, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, faz um recorte sobre a função da pedra, ou pedras, nesse contexto histórico e artístico. Ela diz que, desde tempos remotos, este é um dos suportes mais importantes para registros da experiência humana.

Isso acontecia em um passado distante, em que nossos antepassados exerciam o nomadismo. Com o

passar do tempo, a busca ocorreu em locais como cavernas, onde houvesse inscrições nas paredes, mostrando a presença daqueles ou de grupos anteriores. Ela relatou, porém, que a ciência ainda não esclareceu se esses nômades já teriam adquirido a capacidade de articular palavras e frases. No entanto, há a certeza de que eles desenhavam. “O desenho – e a imagem – talvez antecedendo outras formas de comunicação humana”.

Susana ressaltou que o registro em pedra não se ateve apenas às pinturas rupestre pré-históricas,

pelo contrário, evoluíram com outras técnicas e continuam aflorando a perplexidade daqueles que entram em contato com esses registros que desafiam o próprio tempo. Sobre a exposição, ela afirmou que João Lobo deu contemporaneidade à pedra e às inscrições do sítio arqueológico das Itacoatiaras. “Nos cortes, recortes e aproximações, Lobo lhes dá uma atualidade tensa. Tensão que atualiza e mantém a perplexidade que resulta daquilo que a vida cunhada em pedra continua a apresentar e a desafiar quem delas se aproximam”. ✖

UMA LITERATURA INCLUSIVA E
DIVERSIFICADA NA VOZ DE
**Maria Valéria
Rezende**

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Desde pequena, a moradora da cidade de Santos (SP), Maria Valéria Rezende, sempre teve contato com gente de outros continentes por causa da grande movimentação de tripulantes estrangeiros que existia no porto de sua terra natal. O contato com outras culturas, sobretudo com publicações originárias de diferentes países, trazidas pelos marinheiros que faziam trocas de livros nos sebos próximos ao cais, lhe fez perceber desde cedo quão grande é o mundo. Isso alimentou seu espírito cosmopolita.

Ao longo de quase oito décadas de vida, ela fez valer esses preceitos. Conheceu vários países do mundo, atuou como freira missionária ajudando inúmeras pessoas, inclusive os perseguidos pelo regime da ditadura militar, engajou-se na educação popular, e atualmente viaja nas páginas das obras que escreve.

Foi na Paraíba, lugar que encontrou paragem e onde mora há mais de 40 anos, que aflorou a Maria Valéria escritora, premiada com tantos reconhecimentos, inclusive o Jabuti. No último dia 8, ela comemorou o aniversário de 80 anos - incluindo uma homenagem no Natal da Usina, na Usina Cultural Energisa, em João Pessoa - e

não faltaram vozes para prestigiá-la, como pessoa e como profissional que já reúne mais de 20 publicações, entre romances, contos, crônicas, ensaios e infantojuvenis, como seu mais recente trabalho, *Vovó também sabe voar* (Arri-baçã Editora).

Uma dessas vozes é o escritor e jornalista Tiago Germano. "Comparo a trajetória dela à de Saramago, em Portugal: dois autores que começaram a publicar relativamente tarde e conseguiram se estabelecer como dois dos maiores escritores da língua portuguesa. Para além da literatura, Valéria é uma figura humana ímpar. Aliás, como ela mesma gosta de dizer, ela foi várias coisas antes de ser escritora e talvez por isso ela seja tão imensa".

A declaração de Tiago mostra uma importante passagem da vida da escritora, que começou a despontar na literatura já na fase madura. Formada em Pedagogia e em Língua e Literatura Francesa, >



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

*Maria Valéria
Rezende, a paulista
de Santos que se
descobriu escritora
na Paraíba, fez 80
anos no dia 8 de
dezembro de
2022*

► pós-graduada em Sociologia, Maria Valéria Rezende trabalhou apenas dois ou três anos como orientadora pedagógica em uma escola de São Paulo. A maior parte da vida atuou como freira missionária, na área de educação popular e ajudando pessoas a fugir na ditadura militar.

Apesar de pertencer a uma família que tem vários escritores, nunca se interessou em fazer o próprio livro quando jovem. Seus primeiros escritos começaram a fervilhar em sua mente quando chegou ao Sertão de Pernambuco, quando tinha 30 anos de idade, e foi apenas na Paraíba, uns três anos depois, que esse dom lhe sobressaiu de forma mais profissional, sobretudo na ficção.

Em entrevista ao jornalista André Cananéa, no programa *Segundo Caderno*, da TV Câmera (2018), disponível no Youtube, ela contou que muitas vezes pegava suas histórias que estavam guardadas, datilografava, elaborava uma capa de forma artesanal e apresentava amigos em datas especiais. Um desses presentes chegou às mãos de um editor que se interessou pelo material e lhe pediu outros originais, que ela colecionava.

Sem acreditar no próprio talento, Maria Valéria submeteu, previamente, os escritos a uma amiga da família, a escritora Lygia Fagundes Telles, enviando o material via Correios. A dúvida era se iria valer a pena apresentar esses trabalhos a um editor.

A resposta não poderia ser mais positiva. “Querida Maria Valéria, li o seu livro inteiro. Publique sim, você é uma escritora séria”, disse Lygia em retorno a Maria Valéria. A partir daí, foi se moldando a trajetória para a vida literária da escritora, que lançou o primeiro livro – *Vasto Mundo* – em 2001.

De lá para cá, ela nunca mais parou. Segundo Tiago Germano, numa época marcada pela autoficção, em que autores transformam suas vidas em suporte para a ficção, a literatura de Maria Valéria Rezende destaca-se por um procedimento ligeiramente às avessas: o de tornar a ficção um suporte para a sua vida, engendrando, daí, uma narrativa. “É assim pelo menos em *Quarenta Dias*, que narra sua peregrinação por Porto Alegre, desde o ponto de partida ficcional de um desaparecimento de um personagem (que nunca existiu), e que a levou de fato a experimentar, pessoalmente, o que a personagem do livro, Alice,



Valéria entre Tiago Germano e Débora Ferraz: além de grande escritora, uma incentivadora de talentos

narra ali”.

Mas, para ele, caracterizar a obra de Valéria Rezende a partir deste título é um tanto reducionista. “É não falar, por exemplo, da Valéria contista – para mim uma das maiores Valéria. Uma das coisas que me fascinam na prosa dela é a oralidade, o ouvido afiado na arte de mimetizar a narrativa oral sem soar caricata ou artificial, o que é muito difícil do ponto de vista técnico. A obra dela é um aluvião infinito, e ela é a prova viva, como paulista que é, com a identidade nordestina que conquistou em sua obra, de que o Sertão, como diria Guimarães Rosa (outra infinidade), está dentro de cada um”, disse.

Tiago Germano afirmou que Maria Valéria não é apenas uma grande escritora, mas uma incentivadora de talentos, uma agitadora cultural. Os dois se conheceram em uma das reuniões do Clube do Conto da Paraíba, formado por um grupo de escritores que há 18 anos se reúnem periodicamente e compartilham trabalhos e ideias. A iniciativa do clube teve a participação direta de Valéria, que queria manter contato com pessoas ligadas à produção de livros.

A Paraíba, de acordo com Germano, sempre teve grandes prosadores (José Lins, José Américo, cita), mas sua tradição poética, feita à sombra do tamarindeiro de Augusto dos Anjos, sempre pareceu maior. “Até os anos de 2010, os poetas eram predominantes na paisagem de João Pessoa, por exemplo. Depois disso, floresceu uma geração de prosadores. Isso se deve muito à militância de Valéria – que é uma agitadora cultural de marca maior, e sua atuação à frente do Clube do Conto e do Mulherio das Letras. Ela conseguiu aglutinar em si vários nomes e ser a encarnação do espírito

de nossa época, mesmo sendo de outra geração. João Pessoa não é uma Paris (embora esteja fervilhando de Literatura), nem nós estamos perto de ser Hemingways e Fitzgeralds, mas ela é certamente a nossa Gertrude Stein”, declarou Tiago.

Uma das experiências que retrata bem essa influência e acolhida que a escritora exerce sobre os novos talentos foi vivida pelo escritor André Ricardo Aguiar. Eles também se conheceram no Clube do Conto da Paraíba e têm uma relação de amizade. “Somos amigos, pois além da frequência do clube, e por proximidade entre o ofício da escrita e a geografia, também frequentei a casa da escritora, o jardim, a cozinha, sua biblioteca – e algumas reuniões do Clube do Conto aconteceram lá. Minha relação é de carinho por uma mestra, de amizade por sua importância artística e por compartilhar muitos valores humanos e culturais. Temos, por assim dizer, um humor próprio e aparentado pela tendência na prática de gêneros que, tanto ela quanto eu, cultivamos”.

André Ricardo contou que, em um período em que ele enfrentava um bloqueio criativo, pediu a amiga um cantinho para escrever. “Generosa como ela é, ofereceu um quatinho atulhado de livros, objetos, papéis selvagens, uma floresta memorial de suas andanças e um bom computador com tela vasta para que eu praticasse minha escrita num ambiente propício”, acrescentou.

A receptividade da mestra, que compartilhou algumas xícaras de café com o pupilo, entrecortada com boas conversas, surtiu efeito, senão no emocional, pelo menos como uma oficina de experiências. “O bloqueio foi quase uma desculpa, claro, mas ganhei algo maior: convivência”, disse André. ►



▶ UMA ESCRITORA MULTIFACETADA

O primeiro livro de Maria Valéria Rezende foi o romance *Vasto Mundo* (Editora Beca), lançado em 2001, quando ela estava prestes a completar 60 anos. Nesses últimos 20 anos, ela já soma cerca de 20 publicações, sem contar seu último trabalho, *Vovó também sabe voar* (Arribaça Editora) colocado em pré-venda no final de outubro na plataforma Catarse.

O ritmo de produção da escritora não para por aí. Ela já trabalha em quatro outros romances e ainda tem dois ou três contos na antologia *Porque Hoje é Sábado*, do Clube do Conto da Paraíba, prevista para 2023.

“É inspiradora a sua vitalidade. Um talento para a vida, pois pode-se dizer que Valéria tem uma curiosidade adquirida desde pequena, segundo conta. De família santista, onde o acesso aos estrangeiros, às línguas, ao caldo cultural da época, forjaram o espírito incansável da minha amiga. E a sua genética missionária, que a fez percorrer o mundo. Não admira que o embrião das suas histórias estava no seu sangue, e que aflorou muito tempo depois. Como o sangramento de uma barragem, Valéria sente uma necessidade vital de tirar histórias, poemas, haicais da sua verve, da sua cachola. Por isso é intensa e parece inquieta, sempre produzindo”, destacou André Ricardo Aguiar.

Além de escrever romances, contos, ensaios e obras infantojuvenil, Maria Valéria Rezende já foi premiada em vários gêneros. No romance,

Maria Valéria Rezende chegou a abrigar o colega André Ricardo Aguiar em casa: “Temos um humor próprio e aparentado pela tendência na prática de gêneros”, afirma o escritor

ganhou o 1º lugar no Prêmio Jabuti com o livro *Quarenta dias*; em 2009 conquistou o 2º lugar, também no Jabuti, na categoria Infantil com *No risco do caracol*; em 2013 recebeu Menção Honrosa durante o Prêmio Cidade de Belo Horizonte com o livro de contos *A face serena* - só para citar alguns exemplos.

Para André Ricardo, ela tem um olhar multifacetado, que vê de modo panorâmico a literatura, não se prendendo à amarras. “Por isso, vai e faz, experimenta, tenta. Não lembro exatamente quando começou a escrever ficção, ou se em versos, e os guardou. Mas começou bem, e quando me dei conta, já lia um romance apaixonante - *O voo da guará vermelha* -, depois praticou o conto e o clube incentivou mais uma leva de contos, rendendo outros livros”.

De acordo com Aguiar, Maria Valéria ainda se interessa por haicais e participa de oficinas. Ele ressaltou que a literatura da escritora é inclusiva, pois ela tem uma forma de contar histórias “que põe o leitor no colo”. “Narradora com pleno domínio, suas histórias tanto dão o prazer da descoberta quanto o prazer próprio da linguagem - e em algumas, o humor, o suspense, a ironia, são especiarias próprias. Acredito for-

temente que sua marca registrada é sua formação humanista que faz semear nos textos o interesse pelos personagens, pois eles carregam as paixões que movem as histórias”.

Quando indagado sobre a relevância do trabalho de Valéria para a Paraíba e o Brasil, André responde: “Imensa”. De acordo com ele, essa santista escolheu a Paraíba como morada e isso trouxe para a cultura local um grande benefício, pois espalhou sementes que renderam não apenas amizades, “mas todo um arsenal de práticas culturais, para não falar apenas do Clube do Conto, que já é um coletivo histórico”.

“Com a criação do Mulherio das Letras, feito para mostrar a diversidade das vozes femininas na literatura, trouxe um protagonismo urgente e que até hoje rende frutos, além dos prêmios literários, aqui no país e lá fora, suas traduções, suas palestras. Ler Maria Valéria Rezende é acreditar na força da literatura como meio de inclusão social, resistência para as forças opressoras do pensamento e como deleite para a alma”, destacou André.

LIVROS INFANTIS

Uma conhecida em comum de André Ricardo e Maria Valéria é a pesquisadora, professora e escritora Neide Medeiros, integrante da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap). Ela contou que o primeiro contato que teve com Valéria foi por meio de André, que na época era ex-aluno dela da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

No lançamento da obra *Memórias rendilhadas: vozes femininas* (2006) - organizado por Neide e Yolanda Limeira -, Maria Valéria esteve presente. “Ela adquiriu quatro exemplares para distribuir com os amigos. Já conhecia alguns livros da autora e fiquei feliz pelo reconhecimento ao livro que organizamos”, frisou Neide.

Ela recordou que, mesmo nascendo em Santos e conhecendo vários lugares do Brasil e do mundo, a escritora santista escolheu morar na Paraíba. “Isso nos deixa orgulhosos, afinal, morar em João Pessoa foi uma opção dela, que preferiu conviver com os nordestinos”, frisou a professora.

Segundo a pesquisadora, em 2017 Maria Valéria organizou o 1º Encontro Nacional Mulherio das Letras “que foi um sucesso e aconteceu em ▶

▶ dois locais em João Pessoa”, na Fundação Casa de José Américo (FCJA) e no Espaço Cultural José Lins do Rego. O Mulherio das Letras é um coletivo literário que reúne centenas de escritoras, editoras, pesquisadoras, entre outras mulheres ligadas à cadeia produtiva do livro, com participantes de vários estados brasileiros e do exterior.

Neide Medeiros contou que, com o prestígio que possui, Valéria conseguiu trazer várias mulheres que são expoentes da literatura nacional, entre elas a autora Conceição Evaristo, e também valorizou as escritoras e artistas plásticas locais.

Ao comentar as obras infantojuvenis de Maria Valéria, a pesquisadora destacou o livro *No risco do caracol* (2º lugar no Prêmio Jabuti) e *Conversa de passarinhos* (feito em parceria com Alice Ruiz – obra que chegou a ser finalista do Jabuti). Neide afirmou que, como gosta de poesia, os dois livros, escritos nessa linguagem, chamam a atenção pela modalidade poética adotada – haicais.

“Os livros infantis de Maria Valéria são leves, bonitos, cheios de imagens poéticas que cativam o leitor. Veja esse haikai pinçado do livro *No risco do caracol*: ‘O caracol desenhou/linhas de prata/ no ouro da folha seca’. Sobre *Conversa de passarinhos*, a beleza do livro começa na capa, ilustração de Fê. Nos poemas, a sutileza dos haicais combina com a leveza dos passarinhos”, comentou Neide.

Quanto às características gerais das obras voltadas aos jovens e crian-

FOTO: EVANDRO PEREIRA/JORNAL A UNIÃO



Para Neide Medeiros, não se nota, nos livros infantojuvenis de Maria Valéria, a preocupação com a moralidade da história ou dos costumes: “É uma literatura independente desses valores. Existe o livre pensar”, destaca

ças, ela diz que a marca da autora é a simplicidade de linguagem, mas nem de longe isso deve ser confundido com o “fácil, com o pueril”, significando apenas um diálogo acessível ao público a que se propõe.

Além disso, a professora ainda enfatizou a qualidade das ilustrações contidas nas obras, que atraem os leitores mirins. “Seus livros para crianças são sempre publicados por

editoras que entendem do risco do bordado da literatura infantil. Os ilustradores são escolhidos pelo valor artístico, como Veruschka Guerra, que ilustrou *O problema do pato*; *No risco do caracol* foi ilustrado por Marlette Menezes e *Conversa de passarinho*, por Fê. Em seus livros, não se nota, em nenhum momento, a preocupação com a moralidade da história ou dos costumes, é uma literatura independente desses valores. Existe o livre pensar”.

Outras características ressaltadas pela professora foram a presença do lúdico, uma tônica constante nas publicações, bem como a criatividade. “Resumindo: simplicidade de linguagem, bonitas ilustrações, ludismo, nenhuma preocupação com a moralidade e criatividade, essas são as principais características da literatura de Maria Valéria”.

Para Neide Medeiros, Maria Valéria Rezende é um ser múltiplo, pois tem muitas facetas: “É uma mulher forte, destemida, escritora, socióloga, poeta, tradutora, sensível às letras e às artes, de uma simplicidade de monja no vestir, falar e se comunicar”.

Nessa passagem dos seus 80 anos da escritora, Neide fez questão de registrar um recado: “Continue escrevendo do jeito bonito e gostoso, à maneira de José Lins do Rego. Que ‘a língua certa do povo’ - repetindo verso de Manuel Bandeira - invada a sua poesia inteira, e as crianças e jovens possam usufruir da beleza de seus poemas”.

“ELA É UM DAQUELES SERES DE LUZ QUE TRAZ CONSIGO UMA ENERGIA POSITIVA”

Seja nos encontros do Mulherio das Letras ou do Clube do Conto da Paraíba, a rede de contatos na área literária de Maria Valéria Rezende é incontável e muitos dos que participam desses grupos não negam o respeito que cultiva pela “mestra”. O professor e escritor Roberto Menezes, por exemplo, não esconde a admiração que tem pela mestra. “Ela é um daqueles seres de luz que traz consigo uma energia tão positiva que não sei nem explicar”, frisou.

Os dois assinam o livro *Conversa de jardim* (Editora Moinhos), uma seleção de vários diálogos semanais ocorridos entre ambos ao longo de

três anos. “Daria para fazer um livro de mais de mil páginas. Mas, resumimos o que interessava num pequeno livro de cento e poucas páginas”, contou Roberto.

Os diálogos com amigos e integrantes dos grupos aos quais participa são práticas comuns no dia a dia da escritora, que costuma receber as pessoas mais próximas em sua casa e, muitas vezes, conversar por um bom tempo no jardim, em meio à natureza. Segundo Roberto, além do dom da oratória e escrita, a amiga também é uma ouvinte paciente. “Nossa amizade veio através da literatura. Apesar de ser uma pessoa de

muitas palavras, Valéria sempre está disposta a ouvir e a entender o lado de quem fala. Com ela, aprendi que literatura não é só escrever bem, mas precisamos ter uma visão política e social que atenda aos interesses de uma parte da sociedade, aquela que nunca é prestigiada por uma literatura estabelecida”.

Segundo ele, a mestra é uma inspiração para os novos talentos, pois a considera uma das grandes escritoras vivas do Brasil, que leva o nome da Paraíba a todo lugar, além de ser uma “educadora freiriana”. Ele ressaltou que a literatura dela traz uma carga oral muito forte e

▶ personagens invisíveis, que fogem do perfil de tipos de “classe média chatos e entediantes” já tão falados na literatura nacional. “Começar a ler um livro de Valéria é certeza só parar no final”.

Outra jovem escritora inclusa no rol de admiradoras de Maria Valéria Rezende é Débora Ferraz, que também é jornalista. Ela se recorda perfeitamente do momento em que conheceu a escritora, durante uma oficina que fazia com o escritor Raimundo Carrero. “Em algum ponto ela apareceu convidando as pessoas para conhecerem o Clube do Conto e eu fiquei fascinada com ela: seu carisma, seus pensamentos, sua visão de mundo e da literatura... Imediatamente, fui atrás do último livro que ela tinha lançado (O voo da Guará Vermelha), e como na época eu não tinha dinheiro nenhum (estava com 17 anos e vivendo de mesada) voltava à loja constantemente para ler o próximo capítulo. Quando o mês chegou ao fim, eu comprei o livro e reuni coragem para ir ao Clube do Conto com um continho rascunhado”.

Débora conta que mostrou à Valéria seu trabalho. Em resposta, recebeu, além de algumas orientações, um incentivo extra. “Ela olhou pra mim e disse: tem coisa aí, hein!”. Depois que se formou em Jornalismo, Débora teve a chance de entrevistar a escritora algumas vezes e quando terminou de escrever o livro *Enquanto Deus não está olhando*, submeteu a cópia dos originais ao crivo de Valéria.

“Eu mandei toda tímida, e ela não só leu como profetizou: ‘Isso é livro pra Prêmio São Paulo!’, e me chamou para um café no quintal da casa dela. Daí por diante, tomamos já uns tantos cafés no jardim dela. Não consigo dizer que somos amigas porque para mim é muito mais do que isso: ela é uma referência, um bastião que com sua imensa generosidade acolheu a mim e acolhe todo mundo que consegue”, frisou Débora.

O livro *Enquanto Deus não está olhando* foi vencedor do Prêmio Sesc de Literatura, edição 2014, e em 2015 venceu o Prêmio São Paulo de Literatura. Apesar do olho certo para um bom trabalho e de já ser contemplada com vários reconhecimentos nacionais, Maria Valéria, segundo Débora, não escreve com a pretensão de ser premiada ou exaltada. Porém,



FOTO: ACERYO ROBERTO MENEZES

Maria Valéria e Roberto Menezes: os dois assinam o livro 'Conversa de jardim', fruto de um longo papo entre os dois

busca “desetilizar” a literatura.

“Ela consegue, com a literatura dela, uma via direta com corações que são muito difíceis de alcançar: crianças, adolescentes, pessoas que foram alfabetizadas já adultas (sem infantilizar esse leitor). E escreve com a convicção de quem sabe que essa via pode e deve ser aberta. Ela sabe que pobre, sertanejo, mulher, mendigo, todo mundo gosta e tem direito a educação e cultura por mais que digam que livro é coisa de rico”, salientou Ferraz. “Ela vai no sentido contrário dos que tentam ‘ignorantizar’ o acesso ao sublime”, acrescentou.

Segundo Débora, tal postura é possível graças a uma característica que somente alguns seres humanos são capazes de demonstrar. “Como pessoa ela é a própria definição de generosidade. E aqui vale um adendo que é uma diferenciação que o próprio catolicismo faz entre caridade e generosidade. Caridade é você dar o que te sobra. Generosidade é gerar para dar. A diferença é grande. Valéria é generosidade. Somos muito sortudos em viver na mesma geração de uma pessoa assim e ter acesso ao que ela gera e cria”.

ALGUNS RECONHECIMENTOS

Prêmio São Paulo de Literatura 2017, categoria Melhor Livro de Romance do Ano, por *Outros cantos*

– **Prêmio Jabuti 2017**, 3º lugar, categoria Romance, por *Outros cantos*

– **Prêmio Casa de Las Américas 2017**, categoria Literatura Brasileira, por *Outros cantos*

– **Prêmio Jabuti 2015**, 1º lugar, categoria Romance, por *Quarenta dias*

– **Prêmio Oceanos 2015**, semifinalista, por *Quarenta dias*

– **Prêmio Estado do Rio de Janeiro 2015**, finalista, por *Quarenta dias*

– **Prêmio Jabuti 2013**, 3º lugar, categoria Juvenil, por *Ouro dentro da cabeça*

– **Prêmio Cidade de Belo Horizonte 2013**, Menção Honrosa, por *A face serena*

– **Prêmio Jabuti 2009**, finalista, categoria Juvenil, por *Conversa de passarinhos*

– **Prêmio Jabuti 2009**, 2º lugar, categoria Infantil, por *No risco do caracol*

– **Selo Altamente Recomendável 2007**, FNLIJ, por *Modo de apanhar pássaros à mão*

– **Prêmio Zaffari & Bourbon 2007**, finalista, por *O voo da guará vermelha*

entrevista

A primogênita do casal Leônicio de Rezende Filho, médico, e de Maria Cecy Rezende, professora e artista plástica, nasceu em 8 de dezembro de 1942, em Santos, Litoral de São Paulo. Como filha mais velha, ajudou a cuidar dos cinco irmãos. Mais tarde, fez licenciatura em Pedagogia, em Literatura Francesa, além de pós-graduação em Sociologia. Até aí, uma trajetória comum, vista em muitas famílias da época. Quis o destino, ou mais, a ânsia de liberdade de Maria Valéria, impulsionada pelo seu espírito solidário, que a jovem seguisse por caminhos bem diferentes dos previsíveis naqueles tempos. Engajou-se na congregação de Santo Agostinho, tornou-se freira, conheceu vários países do mundo, praticamente toda a Europa, morou nos EUA, passou por estados brasileiros, como Rio de Janeiro e Pernambuco, e aportou na Paraíba, estado onde está radicada e já criou raízes.

Durante a ditadura militar, ajudou inúmeras pessoas a escapar dos represores, dedicou-se à educação popular e, já madura, revelou-se uma talentosa escritora, ganhadora, inclusive, do Prêmio Jabuti.

Foi na Paraíba, aliás, que ela pôde desabrochar seus talentos literários. Às vésperas de completar 80 anos, ela lança o infantojuvenil *Vovó também sabe voar* (Arribacã Editora), abordando o tema da morte entre os leitores mirins.

Se nos últimos anos, ela reduziu o ritmo nas pontes aéreas, a veia produtiva pulsa e corre a todo vapor! Quatro romances estão em andamento, cujas tramas vão do terror ao policial.

Em entrevista exclusiva ao **Correio das Artes**, por telefone, a escritora fala sobre sua caminhada e demonstra quão dinâmica é seu dia a dia. “Não sei o que é tédio, tenho mais o que fazer do que tempo para fazer tudo”. Confira a entrevista, a seguir:



A entrevista

■ *A senhora nasceu em Santos. Fale um pouco sobre sua família.*

Meu pai chamava-se Leônicio de Rezende Filho e era médico – clínico geral e cardiologista. Minha mãe, Maria Cecy de Rezende, era o que hoje se chamaria de uma estilista, mas também era escultora, artista plástica e foi professora até se casar. A gente morava em Santos. Somos em seis irmãos, sou a mais velha, tenho mais quatro irmãs e um irmão. Eles escrevem também. A minha irmã mais nova mora aqui em João Pessoa, Viviana.

■ *Como surgiu o interesse pela vida religiosa? Nunca casou?*

Não, sou freira de uma congregação religiosa muito antiga, sou cônica de Santo Agostinho. Tinha 22 quando decidi seguir a congregação e morava no Rio de Janeiro. Eu era da equipe nacional da Juventude Estudantil Católica (Jec) e morava no Rio. Depois que terminei a faculdade eu decidi ser missionária, porque eu já tinha ajudado minha mãe a criar meus irmãos e queria era correr o mundo. No Rio, eu morava com minha equipe, era uma república de jovens que participavam das coordenações da ação católica especializada.

■ *Esse era seu sonho desde menina?*

Quando eu era criança eu queria correr o mundo, sem nunca pagar passagem (risos)

■ *A senhora veio morar na Paraíba em que ano? O que lhe trouxe a este estado?*

Nasci em Santos, de lá fui para São Paulo onde passei um ano, depois para o Rio de Janeiro, onde fiquei três anos. Voltei para São Paulo onde permaneci na congregação por 10 anos. Conheci, praticamente, todos os países da Europa com a mi-

► nha congregação: fui para os Estados Unidos, onde morei quatro meses; depois para o México e de lá vim direto para o Nordeste. Primeiro fiquei no Sertão de Pernambuco. Cheguei em Pernambuco no dia em que completava 30 anos e lá passei um ano. Depois fiquei três anos e meio em Olinda e Recife. Então, vim direto para a Paraíba, onde passei três anos e meio em Pilõesinhos. Foi quando Dom Marcelo Carvalheira, que era muito meu amigo, foi nomeado bispo de Guarabira e precisava de gente para lá. Aí eu fui e fiquei até 1989. De lá vim para João Pessoa.

■ *O que lhe fez ficar na Paraíba?*

É o melhor lugar do mundo para se viver. É o meio do mundo, no meio do oceano Atlântico, uma maravilha. Aqui é uma terra que tem mais talento artístico, de todas as espécies.

■ *Quando chegou na Paraíba, qual foi sua atuação? Trabalhou com grupos religiosos?*

Não era uma atuação diretamente religiosa, era uma atividade de educação popular que fiz muito no Brejo da Paraíba.

■ *Ao longo de sua jornada, houve uma fase em que atuou na defesa das pessoas perseguidas pelos repressores da ditadura militar. Como foi essa experiência?*

Eu decidi que ia ser fermento da massa, sumir no meio do povo e trabalhar de baixo para cima com a metodologia do Paulo Freire, que não é apenas a alfabetização. É toda uma educação de conscientização e eu fiz isso a vida toda usando vários meios. Para desempenhar essa missão, eu fazia de tudo: teatro, cinema, programa e novela de rádio, encontros e reuniões. Corri o Brejo da Paraíba todo e outros países também me chamavam.

■ *Ajudou muita gente a se esconder dos repressores do regime?*

Sim, foi isso que fiz a vida toda, ajudar gente a fugir, esconder pessoas. Por isso, em 1971, tive de sair do Brasil. Lá em São Paulo não dava para ficar mais. Tive amigos que fui visitar na prisão e teve gente que ficou muito mal. Era muito difícil ajudá-los.

■ *E ainda hoje tem gente que deseja a*

volta dos militares ao poder. O que a senhora acha?

É gente idiota que não tem noção do que era isso, que acreditam na violência e querem se afirmar pela violência. É o mesmo reflexo que faz bater e matar mulher, também faz bater nos outros, querer se impor pela violência.

■ *A senhora foi presa alguma vez durante a ditadura?*

Não, me pegavam mas eu me fazia de besta e acabavam me soltando

■ *Em uma entrevista para o Jornal A União, no final de outubro, a senhora afirmou que “já observa a morte no horizonte próximo”. Não é uma visão um pouco pessimista para quem vive uma fase tão produtiva?*

Acho que não. Porque a única certeza da vida é que um dia a gente vai morrer e já estou com 80 anos. A minha vida para trás já foi muito longa. O meu futuro é muito mais curto do que meu passado, mas tudo bem.

■ *Mas, ainda é uma escritora extremamente produtiva...*

Eu tenho de trabalhar muito porque quando a gente fica mais velha, a gente fica muito mais cara. E eu só tenho uma aposentadoria de velhinha do INSS abaixo do teto. Então, tenho de ganhar a vida.

■ *Falando em morte, o livro infantojuvenil ‘Vovó também sabe voar’ é o seu mais recente trabalho e trata justamente deste assunto. Qual a história da obra e por que o interesse em levar essa mensagem de finitude para as crianças?*

Hoje a morte está muito presente nas famílias, por causa da pandemia e tudo isso que vem acontecendo. Muita gente tem dificuldade de falar sobre isso com as crianças. Então, fiz esse livro que ficou muito bonito. No fundo, ele serve para o adulto também, porque criança é muito mais esperta do que a gente. Um livro que adulto não aprende nada, criança também não gosta. Tem muita besteira escrita para criança que ela nem liga.

■ *E como surgiu a ideia deste livro?*

Eu já tinha um livro falando sobre isso, que está, inclusive, esgotado (‘O problema do pato’). Vem muita criança brincar aqui em casa no jar-



Como integrante da congregação de Santo Agostinho, Maria Valéria Rezende conheceu a Europa inteira, morou nos EUA e México antes de desembarcar no interior do Nordeste

dim e às vezes ela me pergunta uma coisa, eu começo a dizer e já tenho a ideia para escrever. Foi conversando com uma criança que me veio a ideia do livro. Ele diz que quando a gente morre, o que perdemos é o corpo. Esse volta para a natureza para ajudar a fertilizar a terra, porque estamos integrados à natureza. Diz que a nossa existência não é somente o nosso corpo, é tudo o que somos e isso fica também nas pessoas que convivem conosco. A gente deixa um pouco de nós em cada um e vivemos com Deus, que está em tudo. E quando a gente morre, a nossa alma volta para todo mundo que viveu com a gente e para Deus. O nosso corpo vai ajudar a dar continuidade ao ciclo da natureza. Você pode falar da ideia do livro da seguinte forma: quem se foi, pode ser encontrado em vários lugares, a gente pode continuar convivendo.

■ *Esse é o significado da morte para a senhora?*

É sim. É uma meditação sobre a morte que serve para todo mundo, mas que o livro está escrito de uma forma que toda criança pode compreender e gostar. O livro também tem uma ilustração muito bonita de um amigo meu, Thiago da Silveira, que é artista plástico, mas a especialidade dele é grafite. Ficou muito bonito.

► ■ *Fale sobre o lançamento desta obra e onde o público poderá encontrá-la?*

Por enquanto, o livro está em pré-venda na Catarse, não está impresso. Depende das vendas na Catarse para ele ficar pronto e ir para a gráfica, porque a editora Arribaça, de Cajazeiras, não tem um grande capital. Se houver bastante compra, é possível que ele fique pronto antes do Natal.

■ *Além de 'Vovó também sabe voar', a senhora planeja escrever outros quatro livros. O que já pode falar sobre os temas desses trabalhos?*

Tenho quatro livros inacabados. Não posso contar nada, é segredo (risos). Mas, são quatro romances: tem um que é policial, outro é de terror, outro é de memórias ficcionalizadas.

■ *Vamos falar do Clube do Conto da Paraíba. A senhora participa e foi uma das idealizadoras do clube. Como ele foi criado?*

Participo do clube desde que foi criado, há 18 anos. O convite surgiu por meio de Antônio Mariano, um poeta que estava querendo escrever ficção. Na época, ele desejava encontrar com outros escritores e criou uma lista por e-mail. Então, eu disse que não queria encontrar as pessoas somente por e-mail, mas também fisicamente. Foi quando combinei um cafezinho no Shopping Sul (Bancários/João Pessoa) com quem morasse por perto. Aí, veio um monte de gente e achamos ótimo. Começamos a nos reunir todo sábado à tarde no shopping durante muito tempo, depois foi mudando de lugar. Na pandemia os encontros presenciais foram suspensos e agora estamos retomando. Mas o clube nunca parou, vai entrando gente nova e já revelou pessoas incríveis.

■ *A obra 'Porque hoje é sábado' é uma antologia do Clube do Conto da Paraíba e também esteve em pré-venda pela plataforma Catarse. Essa coletânea, com 33 histórias, terá também sua participação?*

Tenho duas ou três histórias nesse livro, que é para festejar os 18 anos do Clube do Conto. Essa coletânea, inclusive, traz contos inéditos dos amigos do clube que já morreram. Mas, como ninguém nunca sai do clube, não morre.

FOTO: ADRIANO FRANCO/DIVULGAÇÃO



Maria Valéria tem quatro romances ainda inacabados e de diversos gêneros: policial, terror e outro de memórias ficcionalizadas

■ *Suas obras são reconhecidas nacionalmente e a senhora já ganhou prêmios como o Jabuti. O que representam essas conquistas?*

Isso é bom na medida que angaria mais leitores. Mas é um pouco como ganhar no Jogo do Bicho. Eu já estive em júri de prêmio e sei que é muito difícil escolher quem é o melhor, não existe régua nem compasso para medir qualidade literária. Então, depende muito do gosto de quem está no júri. Se mudar uma pessoa, mudam os vencedores, porque vai ser uma opinião diferente. No meu caso, por acaso, deu certo.

■ *Vamos falar sobre o processo criativo de uma escritora tão premiada. A partir de uma página em branco vão surgindo as primeiras palavras até se chegar à finalização do livro. Como se dá o 'start' para uma boa história?*

Em geral me surgem primeiro os personagens, que muitas vezes são inspirados por alguém que passa na rua. Aí eu começo a imaginar como será a vida dele, depois é que vem a trama.

■ *Trabalhar com cultura no Brasil não é*

tarefa das mais fáceis. Como é a situação na área literária?

A literatura é a pior de todas porque o escritor não ganha nada, não é? A gente só ganha 10% do que a editora diz que vendeu. As livrarias ficam com 30%, o distribuidor com 20% e a editora com 40%. Tem pessoa que pergunta: você trabalha ou só escreve? Como se escrever não fosse um trabalho pesado. Quer dizer, se dá bem quem vive no eixão, quem é jornalista, porque tem mais facilidade de divulgação. Hoje também tem muito professor universitário, doutor, que tem acesso à bolsa com mais facilidade. Agora, pobre que nem eu não emprestam muito não. A maioria dos meus romances, consegui aprontar porque consegui alguma bolsa de criação. Caso contrário, tenho de fazer tradução, escrever prefácio para as editoras que me pedem. Preciso fazer coisas que entrego e recebo, porque preciso pagar as contas.

■ *Prestes a completar oito décadas de vida, como a senhora avalia o passar do tempo? A maturidade ajuda a compreender melhor o processo da vida?*

Ajuda, ajuda sobretudo a gente a ficar satisfeita com pouca coisa. Tenho impressão que continuo a mesma. Claro que não tenho as mesmas condições físicas que eu tinha antes. Com a minha idade tem muita coisa que minha memória já não recupera bem, mas acho que valeu a pena viver e espero viver bem até o último minuto. Eu não sei o que é tédio, só no dicionário, porque tenho mais o que fazer do que tempo para fazer tudo.

■ *Fale sobre a comemoração dessas oito décadas de vida.*

Só sei que estão fazendo uma surpresa. Me pediram para eu não sair de casa no dia 8, e tenho de estar em São Paulo no dia 11, porque parece que tem festa aqui e em São Paulo. Em João Pessoa, tenho minha irmã Viviana. Em São Paulo, tenho sobrinhos e outra irmã. Em Santos, tenho quatro irmãos. Estou esperando para ver como vai ser. ✕

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Francis K

Tributo noturno

É certo que a noite tenaz
Devora os nossos pesares,
Dúvidas, incredulidades,
Consome através de sonhos bizarros,
Rituais excêntricos,
Dramas complexos;
Mas a noite sagaz
Regurgita subprodutos de orgânicas aflições,
Defeca enigmas abstrusos,
Arrota alegorias aleatórias,
Flatula crenças mórbidas;
A noite é um grande intestino
Laborando infinitos símbolos,
Depurando o íntimo das emoções,
Sanando o silêncio do ruído egóico;
Mas há revés,
A noite pode ser falaz
A quem não lhe conhece a perigosa fome.

No caminho

No meio do meu caminho tinha uma pedra
No meio do meu caminho tinha um fascista
No meio do meu caminho tinha um incêndio
No meio do meu caminho tinha uma pandemia
No meio do meu caminho tinha outra pedra
No meio do meu caminho tinha um punho cerrado
No meio do meu caminho tinha um céu sem nuvens
No meio do meu caminho tinha outra canção
No meio do meu caminho tinha você e sua bandeira
No meio do meu caminho tinha um novo caminho
E muitas outras pessoas caminhando na mesma direção.

Sem medo de

Sem medo de ser feliz
Sem medo de acontecer
Sem medo de ter medo
Sem medo do desconhecido
Sem medo de mudar
Sem medo de não ter
Sem medo de morrer
Sem medo de lutar
Sem medo de virar o jogo
Sem medo de ser o jogo.

Presença

Um estampido seco
Ecoa em meus ouvidos...
Na retina um brilho opaco
Antes do esmaecimento...
Durmo um sono incognoscível
No leito do vácuo.
Percebo o ocorrido
Quando um sopro
Traga meu espírito
Para dentro desta substância recém-surgida.
Reaprendo a vigília
E o ativismo do meu tempo.
Estou onde havia sido.



ILUSTRAÇÃO: TONIO



O cão e seu amigo

O mendigo
 Cheio de humanidade e calamidade
 Afaga a sarnenta cabeça
 Do cachorro sem dono.
 Ambos ancoram
 Suas esperanças nas latas de lixo
 Da vizinhança
 Na ilusão ensolarada da refeição.
 Banqueteados
 Baqueados
 Pela farta mesa abandonada
 Os companheiros invisíveis
 [Como aos insules parece ser]
 Saboreavam a réstia de luz solar
 Esticados no tapete verde
 De seu jardim público.
 _ Amizade não conhece classe!
 Rosnou o cão empanturrado de vermes.



Francis Kurkievicz é poeta, escritor e professor, natural de Paranaguá/PR. Residiu por 20 anos em Curitiba/PR onde estudou FILOSOFIA - UFPR/2002, com especialização em Yoga - UNIBEM/2010 e MBA em Produção de RTVC, UTP/2011. Foi um dos 36 pré-selecionados ao Prêmio SESC de Literatura de 2015 na categoria Conto. Publicou, em dezembro de 2020, pela Editora Patuá, o livro de poemas B869.1 k96. Têm poemas publicados nas Revistas Acrobata, Hiedra, Mallarmatgens, Arara, Estrofe e no site escritas.org - traduções na Revista Zunái, Escamandro, Letra & Fel - artigos no Jornal Memai. Em 2022 teve seus poemas publicados nas duas maiores antologias mundiais de poesia: World Poetry Tree, organizado por Adel Khosan - Dubai/EA, e Living Anthology of Writers of the World, organizado por Margarita Al - Rússia; também teve seu poema CHILDHOOD IN BHARAT publicado em MA: Antologia de Poemas em Memória da Poeta bengali Kazi Masuda Saleh, feito realizado pelo poeta de Bangladesh Abu Zubier Mohammed Mirtillah, Editor e organizado. Em Vitória desde fevereiro de 2012, ministrando oficinas de Dramaturgia, Haikai e Meditação.

Por cima do mar, **Por dentro da história**



A arte do romance não é fácil. Que arte o seria? Algumas exigências intervêm na sua estrutura e na interconexão de seus elementos. Narrador, personagens, tempo, espaço, linguagem e ponto de vista, tudo deve convergir para a coesão e a coerência do conteúdo imaginário que se representa no movimento da narrativa. Se houver descompasso, como uma nota

falsa na organização de uma orquestra, o tecido geral pode resultar comprometido. Se o romance possui uma poética própria, penso ser este, isto é, o equilíbrio de seus ingredientes formais e substantivos, o nervo da coisa.

Tais reflexões me ocorrem porque acabo de ler *Por cima do mar*, de Deborah Dornellas (São Paulo: Patuá, 2018), Prêmio Casa de Las Americas, 2019, na categoria Literatura Brasileira, o que, como leitores daqui, só nos honra e orgulha.

Narrado em primeira pessoa pela protagonista, “Lígia Vitalina”, descendente de africanos, e sob um foco muito colado à sua percepção singular (criança, adolescente, adulta e mulher madura), o romance se desenvolve entre algumas tensões básicas, a saber: tempo do enunciado e tempo da enunciação; ficção e história; passado e presente; opressor e oprimido; linguagem e metalinguagem; criação e memória.

Dessas tensões, quer me parecer, a última (criação e memória) se projeta como vetor essencial da fabulação, na medida em que a memória, enquanto



FOTO: BRUNA MENEGUETTA/DIVULGAÇÃO

Deborah Dornellas venceu o Prêmio Casa de Las Americas pela obra 'Por cima do mar', lançado pela Patuá em 2018

» categoria da consciência, funciona como o dínamo propulsor do universo que se reconstitui, nos seus acontecimentos, nas suas paisagens, nos seus personagens e nos conflitos e vivências que os unem e desunem ao longo do tempo. Não é sem propósito, portanto, que a própria narradora fala em “reunião de lembranças”, em “meu texto com as memórias” e até na ambivalência de que tais memórias podem se tornar “pós-narrativas, como está na moda agora”.

Vamos assim, passo a passo, em ritmo lento e quase monocórdico, viajando pelas evocações dessa mulher negra; viajando, diria, por cima, mas também por dentro, de um mar de recordações, não somente atreladas às suas experiências pessoais, mas à odisseia e ao drama de um povo. A história e a ficção se fundem na tessitura de um enredo que se faz leitura de mundo.

Vitalina recompõe sua infância, reflete sobre sua família, fala de seus estudos, de Brasília, do Rio de Janeiro, de Benguela, dos amigos, dos amores, do casamento, dos filhos, da universidade. Tudo isso como um modo de composição que se distende numa sequência de especulações que aborda a criatura humana em si, na sua individualidade, mas também o contexto histórico e o fluxo do tempo em que essa individualidade se construiu e se elaborou.

É preciso ver que as memórias individuais da narradora, se são singulares e particulares, na sua espessura episódica e restritas ao diâmetro de sua subjetividade, são, por outro lado, memórias coletivas, portanto, universais. Memórias que trazem, à tona do tecido verbal, a diáspora e a tragédia de um povo e de uma etnia.

Nesse sentido, o romance não só se realiza enquanto viagem pessoal, enquanto evocação poética, de uma experiência única, a da personagem, mas, sobretudo, enquanto viagem continental, oceânica, histórica, a trazer, para o corpo da trama romanesca, para o imaginário da ficção, o elemento



FOTO: DIVULGAÇÃO/PATUA

‘Por cima do mar’ não é um romance histórico, mas a história fermenta e promove seu tom narrativo e sua perspectiva crítica

maior do drama real da própria história.

Por cima do mar não é um romance histórico, mas a história fermenta e promove seu tom narrativo e sua perspectiva crítica. A história que conta, os personagens que traz, os lugares que descreve, as temporalidades que se enunciam e que constroem o jogo entre passado, presente e futuro, como que se destinam à ambiguidade dialógica que se estabelece entre história e ficção. A narradora mesma se coloca este impasse, quando, na qualidade de historiadora, assim escreve, à página 330: “[...] Nesse futuro, eu, historiadora, ficcionista (ainda não sei qual a diferença) e poeta (essa eu sei), já terei uma

dezena de romances publicados, alguns deles escritos em terceira pessoa, que é difícil para mim, além de muitos de livros de poesia”.

Se há nesse romance o pressuposto de um debate acerca da condição da mulher, e, em especial, da mulher negra, não se faz do romance—obra de arte literária que é—um mero instrumento de ideias ou de protesto doutrinário. A autora sabe conduzir sua indignação sem incidir naquele equívoco de lidar com a linguagem literária como se esta fosse apenas as muletas ideológicas, táticas pensadas pelo estreito funil do politicamente correto.

Não. Aqui, não!

O problema secular do pobre, do negro, da mulher, mutilados pelo modelo patriarcal, capitalista, em seus preconceitos e desigualdades, aparece, sim. É mesmo o núcleo seminal da dinâmica narrativa, porém, aparece sob a regência incontornável do dispositivo estético que, não só chama a atenção para o que se narra, mas, sobremaneira, para o como se deve narrar. Dito de outra forma: neste romance de Deborah Dornellas, trama e estilo se correspondem. A fabulação não se excede nem se diminui. O equilíbrio entre forma e substância, se garante o valor de eficácia da verossimilhança artística, isto é, a verdade sutil do composto ficcional, garante, em outra medida, a verdade da beleza que só a arte pode consumir.

Escrito em estilo simples, detalhado, minucioso, atento ao imperativo da observação precisa e repassado, aqui e ali, de anotações líricas ou de achegas aforismáticas, o romance dessa carioca, criada em Brasília e hoje radicada na Paraíba, comprova bem a distinção do grande prêmio latino-americano a que fez jus. E merecidamente! ♥

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem*, e *Valeu a pena. Mora em João Pessoa (PB)*.

"Viver poeticamente é possível PARA QUALQUER UM"

Cesar Augusto de Carvalho*
Especial para o *Correio das Artes*

(* Em depoimento à Sérgio de Castro Pinto)

Cai nas letras há muitos anos, na verdade ainda criança. Essa paixão veio de ouvir minha mãe ler as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Noites inesquecíveis que me transformaram num leitor voraz. Ao aprender a ler, lia tudo que me caía às mãos. De gibis a revistas e livros que meu pai recebia mensalmente de um clube literário. Tive sorte em ter um pai que não poupava esforços para dar acesso à cultura e à educação aos filhos. O que não era fácil, em plena década de 50 para um alfaiate, artesão do ofício.

Do gosto pela leitura nasceu o gosto pela escrita que veio dos exercícios de redação escolar. Ser escritor, poeta, esquece. Vivem noutro mundo, um mundo inalcançável para alguém como eu, oriundo de uma mistura cabocla e lusitana, de uma classe média tradicional e alienada. Felizmente essa ilusão durou pouco, mas mesmo assim, só depois de concluída a formação acadêmica, meados dos anos 1970, é que passei a escrever com regularidade.

Comecei com crônicas nos jornais das cidades onde morei - Marília e Assis, no estado de São Paulo, e Londrina, no Paraná - além de um período curto como crítico cinematográfico num jornal paulistano. Nesse mesmo período, meados dos 70, comecei a escrever poemas, mais por brincadeira, por causa de um amigo na cidade. Os poemas desse período, pelo menos os que sobreviveram à minha tesoura, estão no livro *Proesia*, lançado em 2013, décadas depois de escritos.

Aproveitei minha carreira acadêmica como professor e pesquisador universitário para exercitar minha escrita produzindo ensaios e textos na área em que atuava, Ciências Sociais e História. Ficção e poesia, que escrevia aos borbotões, eram produzidas por hobby e ficavam limitadas

à leitura de meus amigos. Muitos deles me incentivavam a publicar, mas um deles em especial era o que mais me incentivava, até porque ele, Uilson Pereira, era escritor e sempre me dizia, mas sem me convencer: "Cesar, deixe de bobagens. Escreva. Publique. Vale a pena".

Como pesquisador, escrevi e organizei vários livros acadêmicos. Dentre eles, quero destacar o que foi resultado de uma viagem de pesquisa sobre a contracultura, feita em minha moto de 125 cilindradas, Brasil afora, visitando as comunidades alternativas nos anos de 1980. Apesar da viagem ter acontecido em 1986, o resultado da pesquisa só aconteceu em 2005 quando a apresentei como tese de doutorado em História, na Unesp de Assis, transformada em livro e publicado pela editora Unesp em 2008 com o título de *Viagem ao Mundo Alternativo: a contracultura nos anos 80*.

Ao chegar à idade crepuscular, prestes a aposentar, aceitei a opinião do meu amigo Uilson, tomei coragem e publiquei meu primeiro livro de poemas, o já citado *Proesia*. Selecionei os poemas, escritos desde o final dos anos 1970 até aqueles dias, ou seja, 2012, e lancei *Proesia*. Para o lançamento do livro, em Londrina, aproveitei-me de uma experiência feita anos antes, na cidade de Assis, - uma adaptação de *A Bela e a Fera* para teatro de sombras na escola onde minhas filhas estudavam - e adaptei *A História dos Dez Touros* para teatro de sombras usando os poemas do livro para tecer a narrativa da história zen budista.

Entre 2010 e 2014, escrevi crônicas, contos e causos para a coluna radiofônica *Estação Raul*, dedicada à vida e obra de Raul Seixas, veiculada pela Rádio UEL FM de Londrina. Na última temporada do programa, escrevi e produzi a radionovela *Conversas na Estação*. Tanto a radionovela quanto as crônicas e contos veiculados transformaram-se no livro *Toca Raul*, que lancei, também em Londrina, em 2014.

Pouco tempo depois aposentei-me e me assumi poeta. Lancei *Lavras ao Vento, Pá* (Benfazeja, 2017) e *Curto-circuito* (Patuá, 2019). Na área

- da prosa ficcional, publiquei *Histórias de Quem* (Desconcertos, 2020), livro de contos e *Raul e Eu* (Cintra Editora, 2022), novela que narra as aventuras do personagem que, ao acordar, encontra nos jornais o seu sonho noticiado como crime e ele, o principal suspeito.

~

Caso você me pergunte quais minhas principais influências, serei obrigado a confessar que é difícil especificar este ou aquele nome. Sei apenas que eu, como a maioria de minha geração, nascida no pós-guerra, os babies boomers, tivemos o nosso imaginário formado pela indústria cultural nascente. Além dos livros, claro, tínhamos as revistas, as histórias em quadrinhos, o rádio e o cinema como parte dessa história. Lembro, por exemplo, que aos 14 anos havia lido todas as aventuras de Tarzan escritas por Edgar Rice Burroughs não para os gibis, mas para os livros.

Autores como Jorge Luís Borges, Cortázar, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, dentre muitos outros, despertaram-me a sensibilidade para certos detalhes da criação literária, para a economia do texto, a concisão da palavra.

Já na poesia a clareza é maior. Isto porque estudava no interior do estado e, por sorte, a biblioteca da universidade tinha todos os livros e revistas publicados pelos concretistas até final dos anos 1960. Devorei-os por inteiro. Foi dessa leitura que veio o amor pelo fazer poético. Depois, conheci a poesia japonesa que me influenciou por demais como você pode constatar nos poemas abaixo¹:

ao piscar de poemas,
as gotas nas árvores
choram o desperdício

sob encomenda,
o manacá esconde,
do poeta, sua sombra.

e de repente
curto-circuito
você é um poema.

~

¹ Poemas publicados em 'Proesia', edição do autor; Londrina (PR), 2013.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Cesar Augusto de Carvalho começou a escrever poemas ainda nos anos 1970, enquanto publicava crônicas em jornais de Marília e Assis (ambas em SP) e Londrina (PR)

► Uma vez aposentado, morava em Londrina, Paraná, resolvi voltar para São Paulo, a capital, de onde fiquei afastado muitos anos. Esse retorno me deu a oportunidade de retomar uma atividade para mim muito prazerosa, organizar eventos culturais. Realizei muitos quando trabalhei na Unesp de Marília. São Paulo abriu-me novamente as portas.

Coordenei o *Sarau da Paulista*, um encontro de poetas na Avenida Paulista, no último domingo do mês, que durou de 2016 até chegar a pandemia, em 2020, quando o sarau foi extinto.

Ao produzir o sarau midiático Artefatos Poéticos, em 2018, tive a parceria de dois poetas, Well Souza e Claudinei Vieira que me ajudaram a transformar o sarau em revista. Nosso fôlego durou só duas edições, em edições impressa e digital. Nesse mesmo ano recebi o convite do poeta Rubens

Jardim e passei a coproduzir o sarau *Gente de Palavra Paulistano*, dedicado a homenagear poetas e que acontece na última quarta-feira de cada mês na Livraria Patuscada, na Vila Madalena, em São Paulo.

Se a pandemia extinguiu o Sarau da Paulista, ela também propiciou a criação do Canal do Poetariado, um programa de bate-papo com poetas convidados. Eu e o amigo e poeta Hamilton Faria conversávamos sempre sobre a falta que fazia, nos saraus, um bate-papo sobre o fazer poético. Durante o lockdown, trocando ideias, o assunto voltou à tona. Nos organizamos entre março e junho, pré-produzindo o programa e em julho de 2020 lançamos a primeira edição. Em linhas gerais a live consiste nas intervenções que eu e Hamilton fazemos ao convidado para que discorra sobre sua vida e obra literária. O programa, que

é mensal, fica depositado no Youtube: <https://www.youtube.com/c/CanalDoPoetariado>.

~
Você quer saber qual é minha concepção de poesia? Pois bem. É a mesma que tenho da arte em geral. É quando a obra, seja ela qual for, nos empurra para o poço de nós mesmos. Desperta-nos o inconsciente que passa a travar um diálogo mudo, não só com o artista, mas também com seu leitor. É um processo de autoconhecimento. Sem que se produza esse mergulho interior, não há fruição, talvez nem arte.

Agora não se pode confundir a poesia da vida com o fazer poético. Viver poeticamente é possível para qualquer um. Já o fazer poético é uma questão de linguagem. ✖

Poemas

Tudo começa num ponto

tudo começa num ponto
às vezes é o centro
equidistante
entre dois oceanos
às vezes
apenas um ponto
intersecção de duas linhas
um coração que bate
um ponto
onde tudo começou

se a gente veio

se a gente veio
d'algum lugar
é bom lembrar
inda que nada resolva
mas é bom lembrar
a gente veio de algum lugar
e vamos a lugar algum
nesse caminhar
que é o nosso lugar



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Cesar Augusto De Carvalho é poeta, escritor, sociólogo, historiador e professor universitário aposentado. Tem três livros de poesia: *Proesia* (edição do autor, 2013); *Lavras ao Vento*, Pá (Benfazeja, 2017) e *Curto-circuito* (Patuá, 2019). Apresenta, junto com Hamilton Faria, o Canal do Poetariado, um programa mensal de entrevistas com escritores e poetas convidados. O programa é divulgado pelo Youtube (<https://www.youtube.com/c/CanalDoPoetariado>) e páginas do Facebook.

José Edmilson Rodrigues

Quero outros dezebmbros

"Quero dezebmbros,
sou louco por dezebmbros" -
no dizer de Alberto da Cunha Melo,
ou, "Quem me acode à cabeça e ao coração
neste fim de ano, entre alegria e dor?
Na fala poemática de Drummond.
E eles cantam e imaginam dezebmbros.

Outros dezebmbros virão,
mas, eu quero este
diante dos meus olhos
e entre minhas mãos.
Dezebmbro de encantos,
de contos e mentirinhas,
de lágrimas e grandes alegrias,
enfeitando saudades
e tantos desencantos.

Quero o dezebmbro
dizendo da mulher que amo,
dezebmbro dos amigos,
do sangue que permeia
nas veias dos filhos.
Quero o dezebmbro
da íris verde do meu pai
e do canto do mês
de musicais solenes.

Também este dezebmbro
barulhento de Pafúncio,
sua música canina mais real
que a vida lhe impõe:
uma condição de cachorro
entre peles e latidos leais.

Quero os candeeiros do dezebmbro
luminoso e das luzes
da Campina que fascina,
fazendo lembrar
e esperarçar abraços.

Memórias de dezebmbros

Quero o perdão do dezebmbro
maculado pelas
armas assassinas do homem
que enfeia um coração
quase bondoso
e que mitiga amor

Outro dezebmbro virá,
porém quero este,
para dissuadi-lo dos infames
de almas perdidas,
feridas, vida afora.

Quero o dezebmbro
da minha infância
e a fantasia colocada
no sapato sob a cama,
da divina ansiedade
e a concretude do presente.

Quero outros dezebmbros
das promessas não chegadas
e das lágrimas do inocente
de mãos estendidas
que Papai Noel-papangu não cumprira.
Mas, este Papai Noel
é mirrado e sem casta,
soluça ao se desandar sozinho.

Quero este mesmo dezebmbro
que chega manso e cheio de olhos
de tempos lúdicos, e de visões amenas
das sentenças dos bons
e não desejos dos maus.
Quero tal dezebmbro de boca beijada
de barriga cheia
e alma lavada.

Outros dezebmbros virão
e dezebmbros tantos passarão.

FOTO: ROBERTO GUEDES



José Edmilson Rodrigues, paraibano, natural de Campina Grande, poeta, ensaísta, Mestre em Literatura e Interculturalidade, publicou, entre outros, *A solidão dos olhos e as vertigens do tempo* (poesia, Mondrongo) e *A Poética do ridículo* (crônicas, contos e ensaios, Mondrongo).

Um léxico crítico para *Augusto dos Anjos*



Duas obras, na Paraíba, deram um passo importante para a compreensão do vocabulário da poesia de Augusto dos Anjos, o *Vocabulário poético do Eu – Glossário*, da autoria de Maria Helena da Cruz Silva e Anice Brito Lira de Oliveira (João Pessoa, Academia Paraibana de Letras – Coleção Literatura Viva, 1986), e o *Dicionário da obra de Augusto dos Anjos*, de Maria do Socorro Aragão, que me honrou com o acolhimento de alguns verbetes e com o prefácio que escrevi (João Pessoa, Mídia Gráfica e Editora Limitada, 2020). Com Augusto sempre a exigir novas leituras, não tenho dúvidas acerca da contribuição de ambas as obras.

Como um dos que refletem sobre a obra do poeta, sentimos que precisamos ir além, subir ainda mais para

citar o próprio Augusto, tendo em vista sua poesia exigir um léxico crítico que ultrapasse o limite do significado do termo, que seja compreendido em sua significação e alcance a significância operada pela criação poética.

Trabalhado há algum tempo, nesse sentido, temos a consciência de que não é trabalho para ser feito rapidamente. O léxico crítico requer, na busca da sua significância, que se leia o poeta, que se compreenda a estrutura de seu texto, que se veja o *Eu* como um sistema, que, sobretudo, se procure ler o que o poeta leu, para daí se fazerem as conexões possíveis, em um exercício fatigante e não menos emocionante de estabelecimento dos vasos comunicantes, essência do texto literário. Para que possamos dar um exemplo do que entendemos por léxico crítico, elegemos a expressão “afinidades eletivas”, que se encontra no poema ‘Mistérios de um fósforo’.

Em *O monismo*, Ernst Haeckel fala de “afinidade química”, ao referir-se à massa universal como um corpo, uma substância inerte e passiva, opondo-se ao éter universal, este um espírito, substância móvel e ativa. A massa teria como funções principais a gravidade, a inércia e a afinidade eletiva química (1905, p. 70, traduções do francês nossas). Esta oposição é fundamental para “fornecer uma forma racional de religião”, revelando-se “o éter universal e móvel”, como “divindade criadora”, sendo “a massa inerte e pesada, matéria da criação” (id. Ibid., p. 24). E finaliza Haeckel: “A principal propriedade dos átomos primitivos é sua afinidade química” (p. 26). ▶



ILUSTRAÇÃO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Augusto dos Anjos: é necessário que se veja a obra 'Eu' como um sistema e que se procure ler o que o poeta leu, para daí se fazerem as conexões possíveis

Em *Os enigmas do universo*, Haeckel aprofunda o tema, no CAPÍTULO XII – A LEI DE SUBSTÂNCIA – (p. 242-266, traduções do francês nossas), lei considerada por ele como sendo “a suprema, a mais geral das leis da natureza, a verdadeira e única lei fundamental cosmológica”, entendida como a fusão de duas leis anteriores, “a lei química da conservação da matéria” e “a lei física da conservação da força” (p. 245), as quais, na sua concepção monista “formam um todo indissolúvel”, “não sendo elas senão dois aspectos diferentes de um só e mesmo objeto, o *Cosmos*” (p. 247-8). A primeira foi formulada por Lavoisier, em 1789, e a segunda, descoberta por Robert Mayer, em 1832, só se tornou “a base da física exata”, com Helmholtz (p. 248).

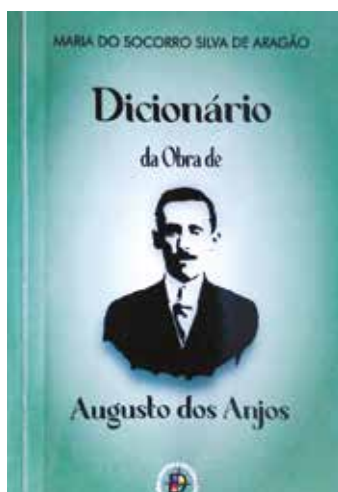
A concepção panteísta de Spinoza, cuja “noção de *Mundo* (*universum*, *Cosmos*) se identifica com a noção total de *Deus*”, para Haeckel “ao mesmo tempo, o mais puro e o mais razoável *monismo*, e o mais intelectual, o mais abstrato *monoteísmo*”, também considerada por Goethe, com quem Haeckel também concorda, “como um dos pensamentos mais altos e mais profundos e mais verdadeiros de todos os tempos”, dá a demonstração do que é essencial para a doutrina monista – “a *matéria* (que preenche o espaço) e a *energia* (a força motriz), os dois atributos inseparáveis de uma mesma substância” (p. 249).

É da alçada da química estudar a ciência da matéria ponderável dos corpos da natureza, formado pelos elementos químicos, os quais formam não só séries de família, como afirma Haeckel, mas também são capazes de formar compostos com o carbono e “as relações entre grupos paralelos, que observamos no sistema natural das espécies vegetais e animais”. De qualquer forma, o parentesco existente entre formas análogas, pode ser estendido aos elementos, que, de acordo com as especulações de G. Wendt, W. Preyer, William Crookes e outros cientistas, seriam concebidos de uma diferenciação ocorrida “a partir de uma só e única *matéria primeira*, o *protílo*” (p. 255-6).

Afirma Haeckel que “o *quimismo* dos átomos ou suas ‘afinidades químicas’ é toda empírica”, ao contrário da natureza própria dos átomos,



IMAGENS: REPRODUÇÃO



‘Vocabulário poético do Eu – Glossário’ (no alto) e ‘Dicionário da obra de Augusto dos Anjos’ (acima), obras importantes para a compreensão do vocabulário utilizado pelo paraibano em suas poesias

consideradas naquela época como “qualidades hipotéticas” (p. 257). Decorrem desse *quimismo* as afinidades eletivas dos elementos. Haeckel compara as combinações que se efetuam entre os elementos com as relações que ocorrem na psicologia humana, “em particular na inclinação dos dois sexos, um pelo outro” (p. 257), lembrando a aproximação que Goethe utilizou no seu romance de 1809:

“Goethe aproximou, como

se sabe, no seu romance clássico *As afinidades eletivas*, as relações entre dois apaixonados dos fenômenos de mesma natureza, que intervêm nas combinações químicas. A irresistível paixão que arrasta Eduard para a simpática Ottilie, Páris em direção de Helena, e que triunfa acima de todos os obstáculos da razão e da moral é a mesma possante força de atração ‘inconsciente’ que, no momento da fecundação dos ovos animais ou vegetais, empurra o espermatozoide vivo a penetrar no óvulo; é ainda o mesmo movimento violento pelo qual dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio se unem para formar uma molécula de água” (p. 257-8).

Essa força de atração já conhecida desde Empédocles, denominada “*unidade das afinidades eletivas em toda a natureza*”, dá a convicção a Haeckel de que os átomos possuem sensação e vontade – “o sentimento (*aisthesis*) e o esforço (*tropesis*), uma alma universal sob a forma mais primitiva” (p. 258).

A partir do que resenhamos acima, veremos como um único termo – “afinidades eletivas” –, presente no poema ‘Mistérios de um Fósforo’ (estrofe 20, versos 77-80), nos conduzirá a um passeio na poesia de Augusto dos Anjos, tendo em vista a conexão existente entre seu léxico e o conteúdo, revelando-nos a necessidade de se trabalhar num léxico crítico de sua poesia.

Recobremos um pouco o romance de Goethe, de modo a situar o termo “afinidades eletivas”, no seu contexto, e em seguida, fazer a leitura do que ele significa, em uma compreensão mais verticalizada, em Augusto dos Anjos. A partir de um termo técnico da química, traduzido em alemão por Heinrich Tabor, em 1785, do título do livro *De attractionibus electivis* (1775), do sueco Torbern Olof Bergmann, o escritor Goethe constrói o seu romance *As afinidades eletivas* (tradução de Tercio Redondo, São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras, 2014). Apesar de considerado um dos grandes livros do romantismo alemão, parece-nos

► mais um romance de experimentação, pelo modo como Goethe conduz a narrativa e a analogia do fenômeno químico com as relações humanas.

O casal Eduard e Charlotte vive, em um castelo, uma vida sem preocupações materiais ou sem objetivos intelectuais ou espirituais definidos, bem próxima do tédio. Eles decidem, então, receber como hóspedes, o Capitão, amigo de Eduard, e Ottilie, sobrinha de Charlotte, que não se conhecem entre si.

Antes da chegada de Ottilie, numa sessão de leitura, Charlotte pede as explicações sobre as afinidades eletivas, conceito que envolve a física (força de atração) e a química (combinação e transformação), e que pode ser aplicado não só às relações entre os elementos químicos, mas também às relações humanas. Charlotte o compreende e o resume na seguinte frase: “Assim como cada coisa mantém uma relação consigo mesma, também guardará uma relação com as demais” (Primeira Parte, Capítulo IV, p. 55), sendo complementada por Eduard (“do mesmo modo que elas podem se unificar por meio dos costumes e das leis, também no mundo químico há mediadores capazes de ligar os elementos que se repelem.”) e pelo Capitão (“Denominamos afins aquelas naturezas que, ao se reunirem, rapidamente se prendem e se identificam umas com as outras”, id. p. 56).

Na conversa prévia entre Eduard e Charlotte sobre o recebimento dos hóspedes aventou-se um possível risco, com a vinda das novas pessoas, que poderia causar a dissociação entre o casal, aproximando-o de seus pares, de modo a produzir novas combinações, ocasionadas pelas transformações naturais, decorrentes das afinidades. Leve-se em conta que os dois, Eduard e Charlotte, já haviam sido separados um do outro, embora tivessem se escolhido por suas afinidades, porque seus pais tinham para eles outros projetos, casando-os com pessoas alheias às suas escolhas. Só depois de viúvos é que ambos realizam a natural atração exercida pela eleição mútua.

O casal, tendo aceitado fazer a experiência – de onde o experimentalismo do romance de Goethe –, vê a sua união encaminhar-se para a

destruição, com a chegada do Capitão e de Ottilie, e, contrariando a situação existente, vai ser atraído, elegendo um dos cônjuges como objeto de suas afinidades, e sendo por eles correspondidos. O conceito de afinidades eletivas, mostra-se, então, ativo não apenas no sentido de se formarem combinações satisfatórias e sem conflitos.

Aplicada aos seres humanos, diante de sua complexidade biológica e emocional, a força de atração pode realizar novas combinações e transformar o que antes era combinação aparentemente perfeita em novos pares, vivendo o conflito das novas formações. Uma vez desfeito, o par inicial enfrenta as inviabilidades da possível nova combinação, diante dos obstáculos morais e éticos da sociedade.

Reside aí a grande ironia de Goethe com relação às afinidades eletivas: aplicadas aos seres humanos, ou elas se dão apenas no aspecto da idealização – Charlotte e o Capitão – ou então descambam para a tragédia pessoal, como Eduard e Ottilie, mortos pelo peso de suas afinidades e enterrados lado a lado, com a esperança de, um dia, despertarem e estarem juntos.

Uma das características das afinidades eletivas consiste no fato de que tudo se encontra conectado, daí a sua possibilidade de realização. A posição de Goethe com relação a isso vem de seus estudos sobre a natureza, que ele põe, em discurso indireto, na boca de um de seus personagens, conhecido apenas como “o lorde”:

“Este dizia reiteradamente que não se devia desistir do experimento por ele falhar em alguns casos; que justamente por isso impunha-se uma investigação ainda mais séria e acurada, pois com certeza seriam reveladas relações e afinidades que ainda desconhecemos dos elementos inorgânicos entre si, dos inorgânicos com os orgânicos e também destes entre si” (Segunda Parte, Capítulo XI, p. 256).

O romance de Goethe dá, então, o mote a Augusto dos Anjos, para a construção do soneto ‘Idealismo’

e, associado ao desenvolvimento do conceito no âmbito científico por Haeckel, para a composição da estrofe 20 de ‘Mistérios de um fósforo’:

Ah! Maldito o conúbio incestuoso
Dessas afinidades eletivas,
De onde quimicamente tu derivas,
Na aclamação simbiótica do gozo!

Não se pode negar a relação íntima entre o conteúdo do soneto ‘Idealismo’ e o da estrofe de ‘Mistérios de um fósforo’. Em ambos os casos, vemos a construção poética dialogar seja com Goethe, seja com Haeckel.

O mais importante, no entanto, é a transformação operada, quando as ideias originais chegam em Augusto dos Anjos, imperando a idealização, em lugar da realização amorosa. O amor de uma “caveira para outra caveira” ou “de um sepulcro para outro sepulcro” remete-nos, diretamente, ao final do romance de Goethe, ao passo que a estrofe de ‘Mistérios de um fósforo’, ao corroborar o idealismo amoroso, condena o que o eu-lírico considera “um conúbio incestuoso”, forçado pela atração física e transformado pelo *quimiotropismo erótico* da fecundação, de onde todos resultamos.

‘Mistérios de um fósforo’, por sua vez, revela mais um momento do eu-lírico, em que a observação do ambiente ou de um fato tende a uma reflexão, descambando nas visões distorcidas e no delírio, em geral, provocadas por um quadro de degradação ou pelo fim que aguarda o ser humano. No caso específico, fim nada diferente da queima de um fósforo, com que o eu-lírico se compara.

Aí residiriam duas concepções: a de que tudo na natureza se processa a partir de uma transformação química dos elementos inorgânicos, como o acender de um fósforo, tanto quanto nos orgânicos, como os seres vivos e, mais especificamente, o homem. Tudo há de se transformar em cinza ou em pó.

A outra concepção é mostrar a relação simbiótica entre a evolução da espécie e a fecundação da vida humana (“E afogo mentalmente os olhos fundos/Na amorfia da cútula inicial,/De onde, por epigênese geral,/Todos os organismos são oriundos”, estrofe 7, versos 25-8), cuja dife-

rença se encontra no tempo em que cada um desses fenômenos acontecem, um no tempo cósmico, de alguns bilhões de anos; o outro, em um tempo biológico, de alguns meses.

Nos dois casos, no entanto, o propósito é único – a vida que se cria “para a fatalidade dos tropismos”, numa perfeita consonância deste que é o último poema do *Eu*, com o primeiro, ‘Monólogo de uma sombra’, em que o eu-lírico se refere a “uma vocação para a Desgraça/E um tropismo ancestral para o Infortúnio” (estrofe 6, versos 35-6).

A fecundação humana, produto das afinidades eletivas, ganha aqui uma outra conotação, mesmo partindo da concepção romântico-irônica de Goethe e da científica de Haeckel. Conotação que a associa à abjeção, de onde se origina a degradação humana. Abjeção com relação ao sexo, bem compreendido, conforme se pode ver na estrofe objeto de nossa análise.

A leitura do *Eu*, como um sistema, não como poemas isolados, revela que essa concepção é recorrente, encontrando-se disseminada, por todo o livro, principalmente nos poemas mais longos, como ‘Monólogo de uma sombra’, ‘As cismas do destino’, ‘Os doentes’, não excluindo os sonetos, cujo exemplo já citado é ‘Idealismo’.

É com essa visão degradada e abjeta da gênese humana, oriunda do delírio e das trevas em que o eu-lírico está mergulhado, que se realiza a sua comparação com o fósforo, ambos com um fim comum, “Uma colher de cinza miserável!” (estrofe 13, verso 52). Tal percepção, produzida pela distorção da visão que influencia o pensamento, não pode causar senão medo, pelo expressionismo do resultado, outra recorrência na poesia de Augusto dos Anjos (estrofe 16, versos 61-4):

“Então, do meu espírito, em segredo,
Se escapa, dentre as tenebras, muito alto,
Na síntese acrobática de um salto,
O espectro angulosíssimo do Medo!”

Vem daí a relação sexual sempre condenada, definida como uma luta de dois indivíduos – “anfigonia que me produziu” (estrofe 17, verso 67) –; o casamento que não passa de “gineceus prolíficos” que “envolvem cinza fetal” (estrofe 19, versos 73-4); a conjunção carnal como “conúbio incestuoso”, ditado pelas “afinidades eletivas”, de cujo processo meramente químico todos derivamos, “Na aclamação simbiótica do gozo!” (estrofe 20, versos 77-80). A vida, degradada e cami-

nhando para o infortúnio, se consome na queima de um fósforo, “acidente químico vulgar”, cuja similaridade “extraordinariamente impressiona” o eu-lírico (estrofe 21, versos 83-4). Não sendo senão abjeção embriológica, produto da lubricidade, que busca apenas o gozo, a vida não poderia ter como resultado senão “o futuro cinza”, que aguarda a todos nós (estrofe 22, verso 88).

Como se pode ver, as *afinidades eletivas* partem de um conceito científico, uma das bases do monismo haeckeliano, para se transformar na poética de Augusto dos Anjos, em uma visão abjeta. Se Deus é a “mônada esquisita” (atente-se para o sentido de *esquisita*, como *rara*, *preciosa*!), que aparece em “Sonho de um Monista”, como expressão da ordem e da criação, ela em “Mistérios de um Fósforo” se transforma em “mônada vil” (estrofe 18, verso 69), aviltada pela lubricidade e pelo gozo. Nesse aspecto, é melhor “ser quadrúpede”, porque o raciocinar se tornou para o humano “aziaga contingência”.

O animal, sem a capacidade de raciocínio e reflexão sobre o seu destino, não sofre com uma possível degradação que por ele tenha sido produzida. Em nós, a ausência de consciência nos faria, como os animais, mais do que ser Cristo ou do que ser Moisés (estrofe 5, versos 17-20), porque não teríamos de desdenhar do Amor ou das Leis, que ambos, reciprocamente, instituíram e representam.

Léxico e conceito, viajando, em torvelinho, de um poema a outro – *substância universal* (‘Agonia de um filósofo’), Goethe (‘Agonia de um filósofo’), *monismo* (‘Sonho de um monista’, ‘O caixão fantástico’, ‘Noite de um visionário’), *panteísmo* (‘Monólogo de uma sombra’, Soneto ‘Agregado infeliz de sangue e cal’, ‘Noite de um visionário’), *afinidades eletivas* (‘Mistérios de um fósforo’), *protílo* (‘Sonho de um monista’), *quimiotropismo erótico* (‘Os doentes’, parte III, estrofe 21), *cítula* (‘Mistérios de um fósforo’), Haeckel (‘Agonia de um filósofo’, ‘Os doentes’, Parte I), *éter* (vários poemas) –, revelam que nada há de aleatório ou de eruditismo fátuo, na utilização de termos científicos. Antes, fazem parte da própria essência da poesia de Augusto dos Anjos. Esta revelação e comprovação com a leitura mais atenta dos poemas, a partir da investigação crítica do léxico, deitam por terra, de uma vez por todas, a definição canhestra de Augusto dos Anjos como um poeta cientificista, e ditam a necessidade de realização de um léxico crítico que contemple a complexidade da sua poesia. ✖

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

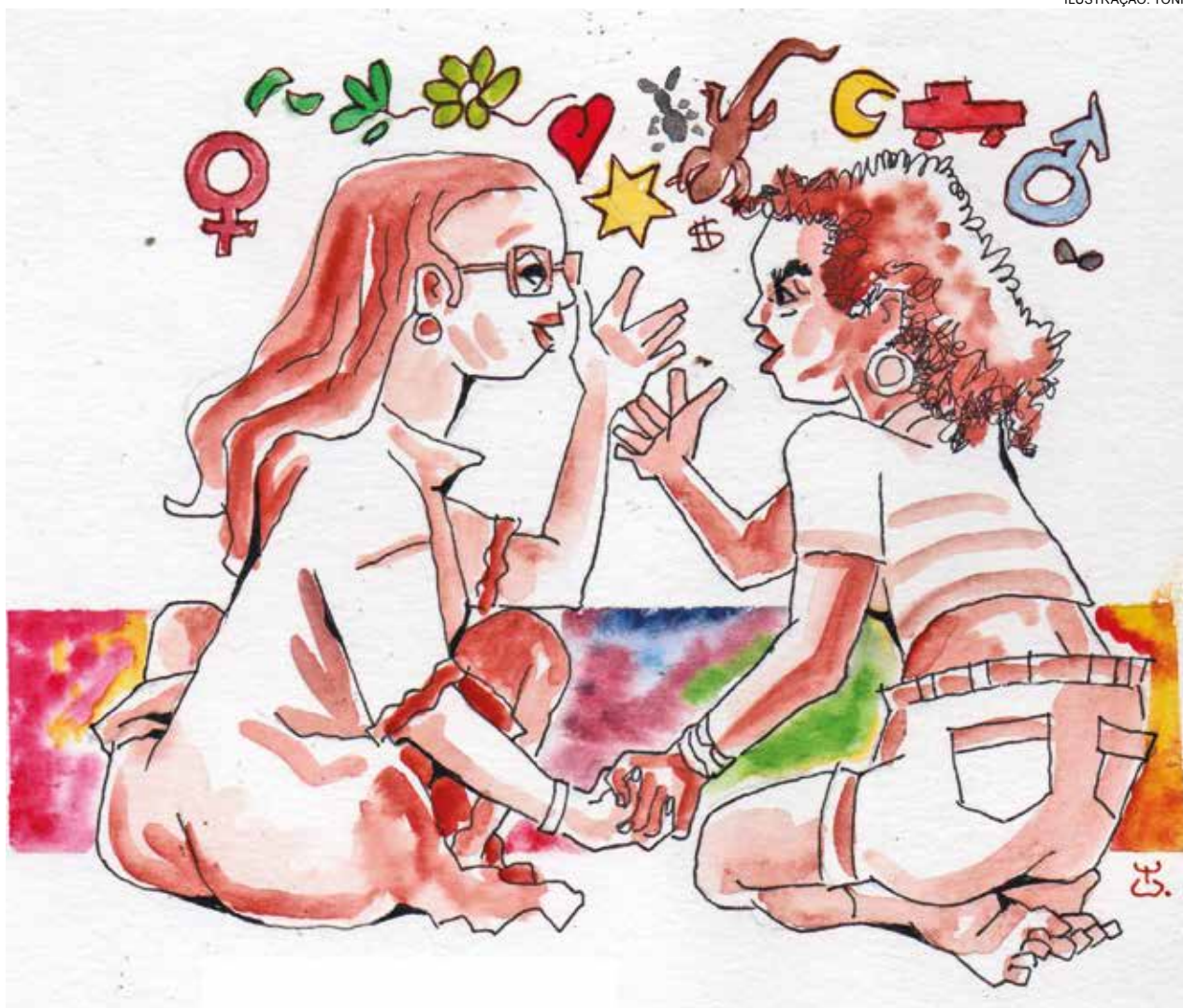
◆ **afinal, o que quer
uma mulher?**

Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

Minhas conversas com **Débora**



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Afinal o que quer uma mulher? Pergunta essa que o próprio Freud nunca soube responder. E será que nós mulheres sabemos exatamente o que queremos? Será que podemos dar conta de nossos desejos inconscientes? Uma das coisas que ajuda uma mulher a pensar e a falar sobre si mesma é uma boa amiga. Amizade é ali-

cerce forte para as rachaduras femininas. Apesar de muitas mulheres caminharem pela via da competição, existem as que comungam juntas. Sem aquele clichê de “faça como eu”, “eu não me queria nem olhar para uma pessoa dessas”, “isso é besteira, esquece”. Essas são amigas que se julgam superiores, as que não sabem

ouvir e, se não ouvem, nem sempre é por má vontade, talvez o vendaval delas esteja tão devastador que só consigam sobrar para nós escombros. Aprecio mulheres verdadeiras, aquelas que se despem de si, jogando sua verdade e confiando em seu interlocutor. Confiar é para poucos, sei disso, mas creio no ser humano, sempre vou crer.

Conheci Débora em um momento delicado de minha vida. Na época, estávamos publicando nossos primeiros livros pela mesma editora, e estava tudo saindo errado, não imaginava que publicar um romance fosse algo tão complicado. Talvez não seja, mas pela minha total falta de experiência e orientação, sofri bastante, o que são águas passadas. Nesse período, ela me ajudou muito, trocávamos áudios gigantes e, vez por outra, ríamos daquela situação esdrúxula. Tanto que conversar foi virando um hábito e os papos tomaram outros rumos. O que me fez admirá-la foi sua defesa quando ouviu o tal editor falar mal de mim, aquilo era uma atitude nobre e genuína. Tenho amigas de anos que nunca fizeram algo assim, então como não valorizar uma mulher dessas? Daí por diante, os diálogos foram aumentando e o norte era outro. Todas as vezes que uma de nós tínhamos algum impasse, contávamos uma com a outra, se fosse preciso chorávamos e depois fazíamos piadas daquilo ou daqueles. Isso é terapêutico, acredite. Sorrir da vida e pela vida liberta os maus presságios.

Como todas as mulheres, uma de nossas pautas preferidas, depois da literatura, são os homens. Tem coisa melhor que falar de homem? E se você os supera ou se tudo dá certo? Uma glória. Coincidentemente nós duas andamos em voltas com homens desastrados e confusos. E daí vem um revezamento de escuta, compreendemos de quem é a vez. Em certa ocasião, ela me falou de um cara complicado e, como toda amiga, já senti ranço do sujeito. Ouvi, acolhi e, depois da parte respeitosa, ouvindo sua dor, disparei:

—Débora, você já reparou no cabelo desse cara? É horrível. Ele parece mais um grilo, e pior: um grilo mudo, já que te deixa sem retorno sempre. Fora que é um

menino velho e mimado. Se valoriza mulher.

Minha amiga deu um sorriso desconcertado.

—Lari eu acho ele bonito, e tem muitas mulheres que olham para ele, não é assim. E ele faz coisas boas também.

— Mulher, fazer coisas boas é o mínimo, e essas que olham para ele estão é carentes, pelo amor de Deus. Desencana desse sibito baleado, criatura de Deus.

(Insere mais uma intervenção narrativa). Minha amiga começou a se desarmar.

—Eu não acho ele tão feio assim, acho ele muito interessante, você está exagerando, Lari, e eu estou rindo.

—Amora, no mínimo ele é jeitosinho... E jeitosinho é primo de feinho. Eu sei que a beleza é inútil, mas sei também que não há beleza alguma nesse malamanhado. Eu só queria que você se enxergasse com meus olhos.

—Malamanhado? Lari você é cômica...

E daí, o que é ansiedade vai se transmutando em riso e o que parecia sério e devastador vai virando piada. Valorizo os homens e gosto deles, porém alguns ou muitos deles se esforçam para entrar na esfera da imaturidade eterna. Esses não respeito, apesar de entender alguns de seus motivos. Não sou psicóloga em tempo integral. Penso que o grande problema da maioria das pessoas (homens e mulheres) é não se implicar em suas ações, não conseguir se responsabilizar e, sobretudo, questionar seus erros e como esses erros afetam os outros. Conheço mulheres terríveis também, centradas em si mesmas, competitivas e cruéis. Só que o tema hoje são os homens, é com eles que a gente se diverte e quebra a cabeça.

Outro dia reclamei de um cara que estava conhecendo, falei com lástima de seu comportamento intempestivo e infantil. Ela de imediato se colocou à disposição para me ouvir. E como toda boa amiga, veio exaltar minhas qualidades e

me fazer entender que o problema não estava em mim, mas na movimentação disforme do tal sujeito. A princípio repeti sua ação: fui eu defender quem me feria, e lá veio a frase.

—Você fala de mim, mas já reparou que o cabelo dele é pior do que o do grilo mudo? Ele parece mesmo o papai Smurf e você não tem nada a ver com a Smurfette. Um cocô, Lari é isso que ele está sendo.

—Papai Smurf ? Sério! Morri de rir.

— Não só ache graça... Se livre, bloqueie, toque fogo em tudo. Quem pode tratar uma mulher delicada como você assim?

— Débora, há quem não suporte sem bem tratado, há quem faz de tudo para estragar o que é bom.

— Problema dele!

E assim foi mais uma conversa que saiu do drama para o cômico. É claro que temos outros assuntos e interesses, só que esse é o tema mais engraçado e dolorido também. Vivemos em um mundo onde tudo é breve, as relações são inconsistentes, a ditadura da beleza cria a falsa impressão de que só se é amada se usar manequim trinta e oito. Os valores, o caráter, a ética são banalizados. Se você gosta de alguém e demonstra, você se torna um “emocionado” (que termo horrendo). Os homens andam perdidos, e não se sabe ao certo o que eles procuram. Talvez, hoje, Freud teria esse grande dilema: o que procura um homem contemporâneo? As mulheres procuram respeito, entre si mesmas, entre a família e, sobretudo, entre os homens. As mulheres buscam amigas sinceras e empáticas, buscam ganhar sua grana, muitas procuram estar bem com o corpo, com a alma. E os homens? Nas minhas conversas com Débora, ainda não concluímos o que querem os homens. Contudo, percebemos que tem muito homem tratando uma Ferrari como uma Caloi — imagino a decepção deles quando entenderem isso. ❧

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.

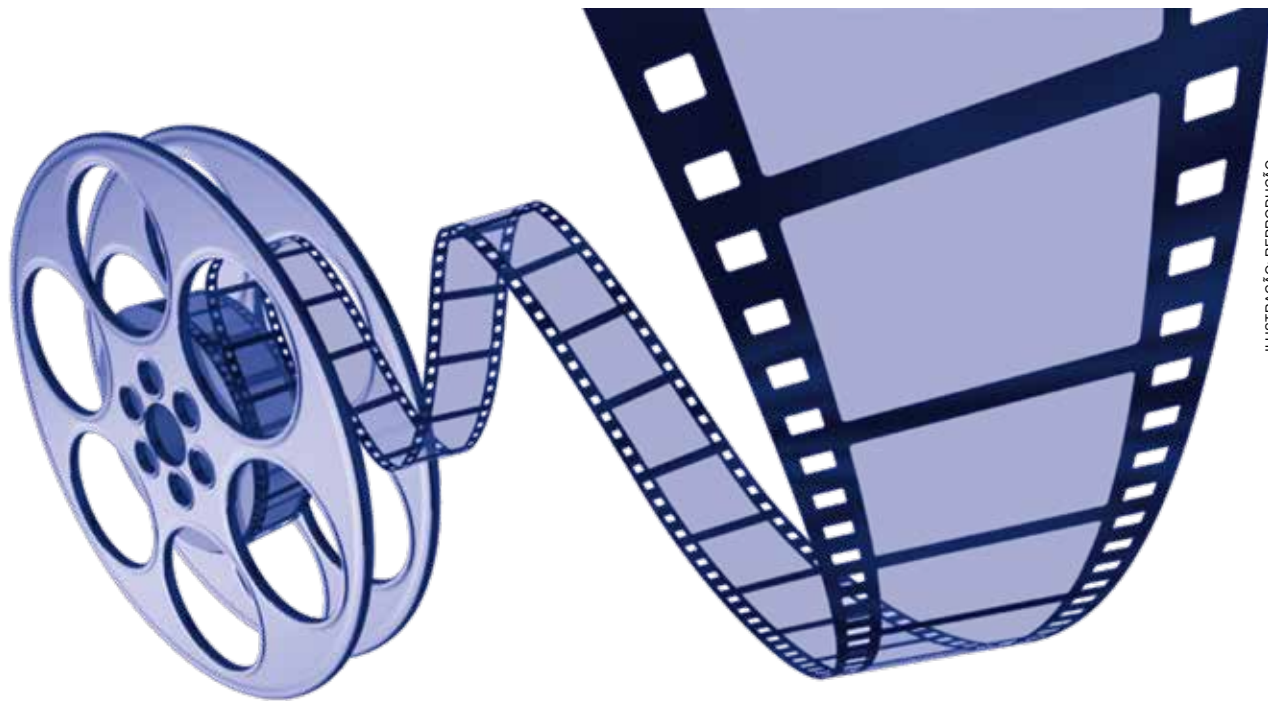


ILUSTRAÇÃO: REPRODUÇÃO

academia paraibana de cinema

Institucionalizando nossas memórias

Alex Santos
Especial para o *Correio das Artes*

A Academia Paraibana de Cinema, conhecida pela sigla APC, completará 15 anos de existência em 2023. Ela adveio das muitas e legítimas aspirações de um grupo remanescente de cineclubistas, sobretudo dos anos 1950, também de instituições pessoenses de cultura, das quais fiz parte, a exemplo da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP) e Cinema Educativo da Paraíba, entidade essa criada pelo então governador José Américo de Almeida, em 1955. Órgão do Governo do Estado, o CEPB só existiu de fato na gestão do governador Pedro Gondim, sendo dirigido por mais de duas décadas pelo fotógrafo João Córdula; de saudosa memória...

No dia 12 de novembro de 2008, sob a coordenação de uma Comissão Instituinte, a Academia Paraibana de Cinema teve proclamada sua fundação, durante o FestCine Aruanda, no Centro de Convenções do Hotel Tambaú, em João Pessoa. Foram empossados, na ocasião, alguns nomes ligados à cultura cinematográfica local, presidindo-a por duas gestões consecutivas, até 2014.

FOTO: ARQUIVO APC



Diretoria da APC durante encontro com a então reitora da UFPB, Margareth Diniz (ao centro), na criação do Memorial do Cinema Paraibano, em 2014

De uma lista apresentada pelo médico Manoel Jaime Xavier, autor de livros sobre o cinema paraibano, foram empossados os já eleitos e presentes ao ato, escritor Wills Leal para a presidência da APC; o professor, escritor e cineasta Alex Santos, na vice-presidência; o produtor José Bezerra Filho para ocupar a direção administrativa e financeira da entidade; e o professor e escritor Moacir Barbosa de Sousa para a secretaria geral.

Obedecendo a toda uma tradição, a nova Academia teve como patronos pessoas falecidas que deram reconhecida contribuição ao cinema paraibano, em todas as suas áreas: produção, difusão, distribuição e exibição de filmes. Cada cadeira foi ocupada por um patrono, digno paraibano nato ou que fosse residente na Paraíba por mais de cinco anos, representado por seu ocupante, conforme prevê os estatutos da nova entidade cinematográfica.

Inicialmente, foram designados os patronos e ocupantes das 50 cadeiras da instituição. Quantidade, então, excepcional de ocupações, posteriormente revista para 40 cadeiras, a partir de resultado obtido numa assembleia geral extraordinária, pela maioria de associados da APC, em cumprimento à norma cultural legal das instituições congêneres, em todo o mundo.

Conforme ainda prevê seus estatutos, a APC tem os sócios beneméritos, que são figuras paraibanas valorosas da cultura cinematográfica, como as dos escritores José Américo de Almeida e Ariano Suassuna; professor José Rafael de Menezes; teatrólogo Paulo Pontes; ator Rafael de Carvalho; cantora e atriz Elba Ramalho; compositor Marcus Vinícius de Andrade; cineasta José Joffily Filho, e tantos outros que militaram no cinema dentro e fora do estado. Além do pintor Flávio Tavares, criador da logomarca da APC.

Constituída a entidade, uma comissão de integrantes foi criada para que se programassem as metas e ações da academia, seus objetivos e programas. Foram estabelecidas como prioridades a publicação periódica (mensal) da Revista da Academia Paraibana de Cinema; criação da Sala “Antonio Barreto Neto”; Memorial do Cinema Paraibano; além do Grande Prêmio do Cinema da Paraíba, nas diversas categorias de realização. Evento que seria também para se premiar os melhores trabalhos acadêmicos

escritos, quer fosse em livros ou em teses de mestrado ou doutorado, em cursos de Comunicação Social e Cinema, de estudantes de universidades públicas ou particulares do estado da Paraíba.

Especialmente, na realização em cinema e audiovisual, sob o comando do Conselho Acadêmico da APC, o Grande Prêmio outorgaria, anualmente, os prêmios às categorias de Longa-Metragem: Melhor Filme de Ficção; Melhor Filme de Documentário; Melhor Filme de Animação; Melhor Direção; Melhor Direção de Fotografia; Melhor Atriz; Melhor Ator; Melhor Atriz Coadjuvante; Melhor Ator Coadjuvante; Melhor Roteiro; Melhor Direção de Arte; Melhor Montagem; Melhor Som; Melhor Trilha Sonora.

No caso do curta-metragem, a norma previa prêmios em Melhor Filme de Ficção; Melhor Filme Documentário; e Melhor Animação. Previsto, ainda, para a televisão, as seguintes premiações: Melhor Produção Independente em Telefilme; e Melhor Obra de Dramaturgia em Telefilme.

MEMORIAL DO CINEMA PARAIBANO

Uma das grandes aspirações da APC, ainda hoje, é a criação do Memorial do Cinema Paraibano (MCPB), reunindo todo acervo audiovisual que possa existir dentro e fora do estado, e que diga respeito aos nossos realizadores.

No ano de 2014, durante a gestão da professora Margareth Diniz à frente da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, uma comissão da APC, da qual fiz parte com Wills Leal e demais membros da diretoria, realizamos uma visita oficial ao gabinete da reitoria para reivindicar a criação de um espaço físico adequado a abrigar todo um acervo paraibano de cinema que já existe.

A proposta, então apresentada, foi a de se implementar uma estrutura na UFPB, que servisse também de ambiente de estudos e pesquisas sobre o cinema paraibano, no (em construção) Centro de Cultura, bem ao lado do prédio da Reitoria. O que foi acordado e aceito pela reitora Margareth Diniz.

NOVA GESTÃO, MAIS ORGANIZAÇÃO

Em 2015, após uma eleição bastante consensual de seus integrantes, realizada em dezembro do ano anterior, a Academia Paraibana de Cinema passou a ter novo presidente. Inicia-se o mandato do professor Moacir Barbosa de Sousa, cadeira 7 da APC, que teve na gestão anterior importante encargo o de secretário geral da instituição.

Mesmo somando, periodicamente, suas atribuições junto ao Ministério da Educação, como “avaliador de cursos” das universidades federais do país, Moacir Barbosa de Sousa promoveu uma das melhores gestões que a APC já teve. Fato comprovado pelos que com ele conviveram e trabalharam.

A Diretoria da APC, então sob nova orientação, buscou bem atualizar e organizar melhor o expediente interno-administrativo e cultural da entidade, adotando ações de maior relevância:

1 - Promoveu apoio, junto às instituições culturais federais e estaduais, para sua melhor funcionalidade. A exemplo da visita que fez ao governador do Estado, início de 2015, encontro capitaneado pelo também acadêmico Damião Ramos Cavalcanti e então presidente da Fundação Casa de José Américo, que hoje alberga grande parte das atividades da APC;

2 - APC restabeleceu o cronograma de realização, às quintas-feiras, de suas sessões ordinárias, o que não vinha ocorrendo, para discutir as metas e ações a serem desenvolvidas a cada mês, inclusive de ordem financeira junto aos associados. É quando inaugura, em 2016, a Sala “Antônio Barreto Neto”, numa justa homenagem ao Patrono da Cadeira 18, cujo ocupante é o crítico de cinema João Batista de Brito, que fez sua saudação ao parceiro, com a presença da família do homenageado;

3 - Publicou edital para ocupação de vaga da Cadeira 1, com falecimento do cineasta Linduarte Noronha, sob inscrição prevista nos estatutos da APC;

4 - Enquanto Ocupante da Cadeira 7, Moacir Barbosa lançou um livro sobre seu patrono, “Capiba”, além de um edital para a inscrição ao concurso de monografia sobre “Os 60 Anos da ACCP”, para alunos de Comunicação, Cinema e História, de instituições públicas e privadas;

5 - Ratificou as propostas da gestão anterior de Wills Leal, no tocante à

▶ participação de integrantes da APC no Conselho do Cineclub da Fundação Casa de José Américo. Além de apoio às projeções, palestras e atividades que estavam sendo realizadas no Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, na Capital, sala de propriedade de um de seus associados;

6 – Reestruturou o blog da APC, apoiando ainda a Coluna de Cinema no jornal A União, todos os domingos, assinada pelo acadêmico Alex Santos, bem como, diligenciou a integração com outros meios de divulgação impressos e audiovisuais sobre a entidade, visando o interesse do cinema paraibano;

7 – Ampliou a imagem da APC para algumas cidades do estado, buscando “dialogar cinematograficamente” com os outros centros de cultura, exemplo do Instituto de Cultura Américo Falcão, de Lucena (PB), além de grupos sociais e culturais da cidade de Santa Rita. Ocasão em que promoveu o lançamento dos audiovisuais *Antomarchi e Américo - Falcão Peregrino*, obras de integrantes da APC, com o selo de honra da própria Academia Paraibana de Cinema.

DIA MUNDIAL DO CINEMA

Dezembro, invariavelmente, sempre foi mês de celebração na Academia Paraibana de Cinema. Naquele ano de 2016, a então presidência da entidade, tendo como exemplo a gestão anterior comandada por Wills Leal, mobilizou toda sua diretoria e associados à efeméride do Dia Mundial do Cinema, no auditório da Fundação Casa de José Américo. Oportunidade em que também foi inaugurada a Sala “Antonio Barreto Neto”, num dos recintos da FCJA, que abriga a APC até os dias atuais.

Na realidade, esse foi um grande feito da presidência de Moacir Barbosa, na APC. Uma justa homenagem àquele que, reconhecidamente, foi um dos mais singulares críticos paraibanos de cinema. Figura sensível e brincalhona, que teve o privilégio de conhecer a partir de 1967, quando ouvia seu programa ‘Luzes do Cinema’, na Rádio Tabajara, aos domingos, e foi premiado por ele com um livro, por responder algumas questões sobre a Sétima Arte.

Já no ano seguinte, com Barretinho ainda presidente da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, fez parte da ACCP, onde sempre nos encontrávamos e discutíamos sobre cinema. Inclusive, indo à sua residência, na Rua das Palmeiras, no centro da cidade.

Os anos de se passaram... Já residindo em Brasília, cursando minha pós-graduação na Universidade de Brasília (UnB), a última vez que estive com Barretinho foi na Academia Paraibana de Letras, em uma vinda à João Pessoa, dois anos antes dele falecer. Um amigo de saudosa memória.

Agora, a acuidade de Barretinho para o jornalismo e crítica paraibanos, vem de ser relatada pelo Ocupante da Cadeira 18, jornalista João Batista de Brito, também festejado crítico cinematográfico...



ACADEMIA PARAIBANA DE CINEMA

Relação dos Acadêmicos Patronos das Cadeiras de 1 a 40, com seus respectivos Ocupantes, após a reformulação estatutária de 2021, na gestão da Presidente Zezita Matos:

1. Nicola Maria Parente/Linduarte Noronha / Claudio Brito
2. Walfredo Rodriguez / Vladimir Carvalho
3. Antônio Serafim Rego / José Bezerra Filho
4. Agripino Cavalcante / Carlos Trigueiro
5. Severino Alexandre Santos / Alex Santos
6. Einar Svendsen / Zezita Matos
7. Adalberto Barreto / João Carlos Beltrão
8. Manoel Henrique de Sá / Ivan Araújo Costa
9. Dom Antônio Frago / Durval Leal
10. Virgínius da Gama e Melo / Damião Ramos Cavalcante
11. Hilton Mota / Heleno Bernardo C. Neto
12. Assis Chateaubriand / Mirabeau Dias
13. Eduardo Pinto Lemos / Matheus Pessoa de Andrade
14. João Córdula / João de Lima Gomes
15. Jurandy Moura / Fernando Teixeira
16. Pedro Honorato / Manoel Jaime Xavier
17. José Cornélio da Silva / Walter Carvalho
18. Antônio Barreto Neto / João Batista de Brito
19. Damásio Franca / Arion Farias
20. Celso Furtado / José Nêumanne Pinto
21. Pedro Santos / Marcos Vilar
22. Ronaldo Dinoá / Bráulio Tavares
23. Luciano Wanderley / Renato Félix
24. Rodrigo Rocha / Lúcio Vilar
25. Galba Mesquita / Marcus Ubiratan
26. José Urquiza / Fernando Trevas Falcão
27. Jarbas Barbosa / Shirley Martins
28. Machado Bitencourt / Pedro Nunes Filho
29. Francisco P. Nóbrega / Rolf Luna Fonseca
30. Ednaldo do Egypto / Jomar Souto
31. Sóter Farias / Romero Azevedo
32. Waldemar Duarte / José Jofilly Filho
33. Nautilia Mendonça / Marcélia Cartaxo
34. Cilaio Ribeiro / Luiz Carlos Vasconcelos
35. Margarida Cardoso / Vânia Perazzo
36. Newton Monteiro / Marcos Pires
37. Geraldo Carvalho / Carlos Aranha
38. Odilon Felisberto (Odicine) / Rômulo Azevedo
39. Múcio Wanderley / Silvino Espínola
40. Ivan de Oliveira / Eli-Éri Moura

SÃO SÓCIOS BENEMÉRITOS:

Wills Leal, José Rafael de Menezes, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Paulo Pontes, Jomard Muniz de Brito, Deodato Borges Filho, Iveraldo Lucena da Costa, Alberto Leal, Balduino Lélis, Péricles Leal, Lourenço Fonseca (Capiba), Moacir Barbosa, Ruker Vieira, Walter Galvão, Bertrand Lira, João Ramiro, Manfredo Caldas, João Bichara, Eliézer Rolim.

Alex Santos é jornalista, colunista de A União, vice-presidente fundador da Academia Paraibana de Cinema, cineasta premiado, professor aposentado da UFPB, um dos autores do livro *Literatura na Paraíba III* e de outras obras relacionadas ao cinema e televisão.

Antônio Barreto Neto:

Crítica cinematográfica como vocaçã

João Batista de Brito
Especial para o *Correio das Artes*

Entre os anos 1950 e 1960, João Pessoa vivenciou uma intensa e mais ou menos generalizada “atmosfera cinematográfica”. Na verdade, era o que acontecia no Brasil e no mundo, mas aqui, considerada a pequenez da cidade, houve características talvez particulares. Uma delas, pode se dizer, foi a enorme ênfase posta na atividade da crítica de cinema. Quem tem idade para tanto – meu caso – lembra da assiduidade e empenho com que todo um grupo, relativamente numeroso, de críticos pessoenses escrevia, diariamente, nos jornais locais, sobre a sétima arte.

O nome mais destacado nessa atividade foi, sem dúvidas, o de Antônio Barreto Neto (1938-2000), não tanto por ter sido, ele, um dos mais assíduos nos jornais da época, mas justamente porque foi, de longe, o mais sólido, hábil e fluente dos nossos críticos de cinema.

Pessoalmente, Barreto Neto foi, para mim, mais que um modelo, uma espécie de musa, que eu, a certa distância respeitosa, admirava pelo talento e pela simplicidade. No meu aprendizado de adolescente, Moniz Vianna e Paulo Emílio eram fantasmas inatingíveis, enquanto que Barreto Neto era, para mim, um pequeno gênio da terra que, eventualmente, poderia ser tocado (embora sem, na época, privar de sua amizade).

Fui leitor sistemático de suas resenhas, mas só vim a conhecê-lo de perto algum tempo depois, final dos anos 1980, quando a atividade da crítica cinematográfica em João Pessoa, e na Pa-

Antônio Barreto Neto, além de assíduo nas páginas de jornais, também foi, de longe, o mais sólido, hábil e fluente crítico de cinema da Paraíba

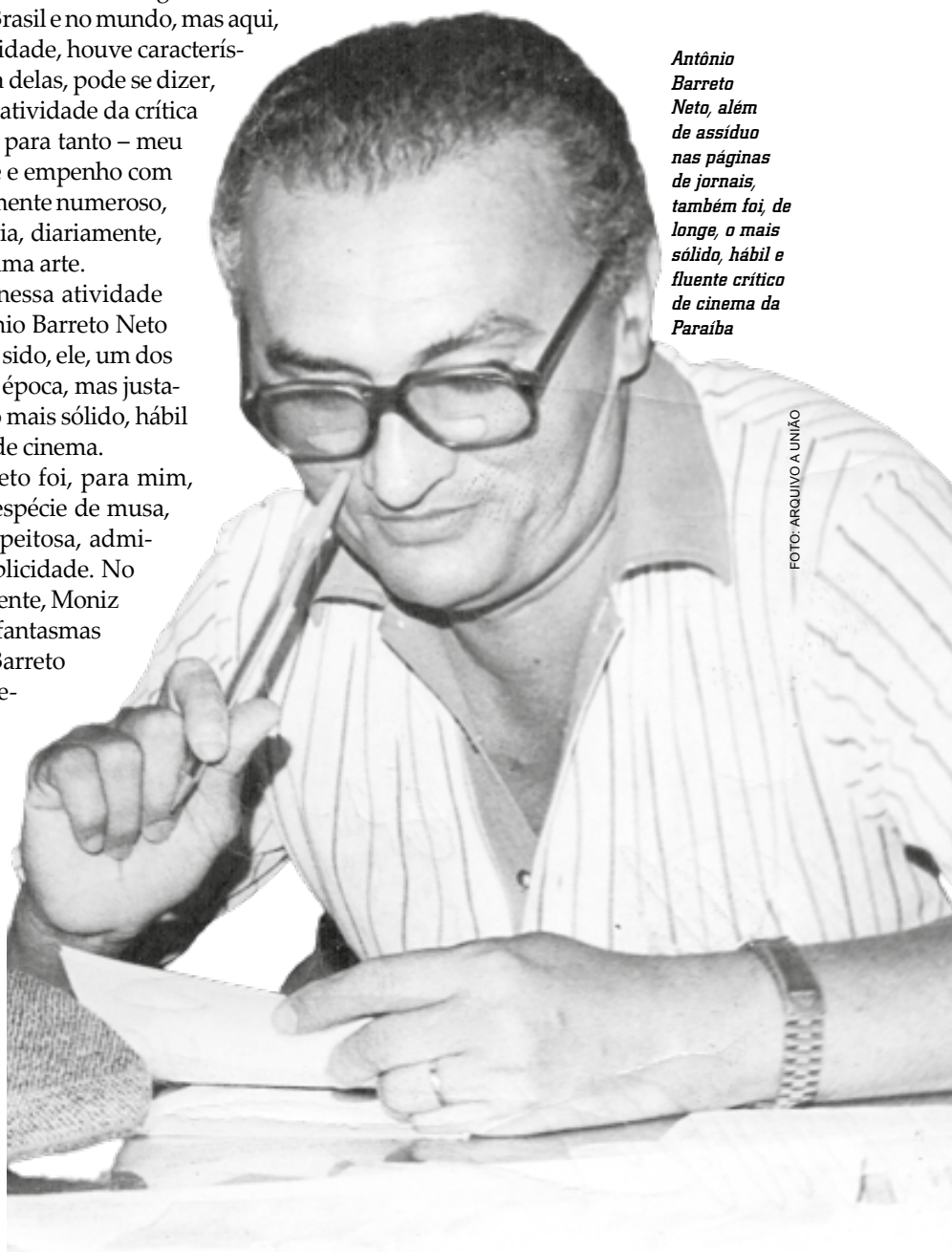


FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

▶ raíba, já não era mais a mesma, com a maior parte dos críticos aposentada, ou dedicada a outras tarefas. Ironicamente, eu começava a aparecer como um nome quase solitário nesse métier.

Nunca esqueço a ocasião em que pude, pela primeira vez, apertar a sua mão e trocar ideias sobre cinema. Como já fazia algum tempo que escrevia em jornais, tinha curiosidade de saber se ele me lia e o que achava. No momento, estava numa locadora de vídeos quando o avistei. Apresentei-me e pude, então, ouvir dele que me lia e gostava.

Depois disso, ficamos amigos e, morando no mesmo bairro, chegou a frequentar minha casa. E, por pelo menos uma década, trocamos figurinhas cinematográficas. Barreto acompanhou a confecção do meu livro *Imagens Amadas* (Ateliê Editorial, 1995) e no dia do lançamento – grande evento no Hotel Globo, em que se celebrou o centenário do cinema – estive do meu lado, e, mais tarde, publicou resenha com título bíblico: “O livro de João”.

A rigor, pode-se dizer que Barreto Neto foi um desses intelectuais em que a crítica foi eminentemente vocacional. No seu caso, tratou-se da confluência de duas grandes paixões: o cinema e o jornalismo.

Perfeitamente a cavaleiro na teoria do cinema, não atropelava o texto com terminologia técnica, sua linguagem, sendo enxuta, precisa, eficaz, e o seu texto, estruturado de modo lógico, coerente e, portanto, didático, permitia a nítida distinção entre todas aquelas etapas fundamentais à abordagem de um filme, a saber: a contextualização, a análise, a interpretação e o julgamento. Sem nunca serem esquemáticos, os ensaios críticos de Barreto Neto sabiam dosar essas etapas da leitura de um modo funcional, equilibrado, muitas vezes a depender do próprio filme, aliás, como deve ser, mas sempre procurando articular essas etapas de modo a nada resultar excrescente.

Assim, neles, geralmente, o leitor tomava informação sobre (não necessariamente nessa ordem): o filme, o diretor, a escola, a época, ou a cinematografia a que pertencia; via investigados, com pertinência, aspectos formais, sempre confrontados com os problemas de conteúdo equivalentes; acompanhava a associação da temática com a rea-

lidade, mas, sobretudo, em relação aos recursos expressivos do filme que estava sendo analisado; penetrava em *insights* que desvendavam o menos óbvio na estrutura do filme; constatava colocações apreciativas que se ligavam, de forma lógica, à discussão mantida no nível analítico, ou interpretativo.

Isso tudo construído de modo orgânico e, principalmente, com dicção simples, elegante, acessível e agradável, que atendia aos anseios, a um só tempo, do apressado leitor de jornal e do curioso que queria aprender sobre a sétima arte. De forma tal que, se reunido num só espaço, o conjunto completo de seus ensaios críticos, não apenas propiciaria um objetivo panorama histórico e estético do cinema, o mundial e o nacional, mas também, uma visão original, sensível, apaixonada, inteligente, aguda, e essencialmente iluminadora dessa que foi a arte do século 20.

Lamentavelmente, Barreto Neto faleceu sem ver os seus textos reunidos em formato de livro. Uma antologia da produção crítica de Barreto Neto só veio a aparecer dez anos após sua morte, o mais do que oportuno *Cinema por Escrito* (A União, 2010) que, na condição de organizador, o laborioso jornalista Sílvio Osias organizou e editou. Certamente, uma das publicações mais importantes que a Editora de A União já deu à luz.

Retrocedendo um pouco no tempo, aqui convido o leitor a uma conversa com o nosso crítico: é que, comemorando os seus 70 anos, em 1998, Barreto Neto nos concedeu entrevista especial, que em seguida reproduzo.

Primeiramente publicada no *Correio das Artes* daquele ano, a entrevista foi reapresentada quando da inauguração da Sala Antônio Barreto Neto, na sede da Academia Paraibana de Cinema, na Fundação Casa de José Américo, evento ocorrido em 28 de dezembro de 2016, como parte das celebrações do Dia Mundial do Cinema, com a presença dos familiares do homenageado – uma iniciativa da APC, na época sobre a presidência do professor e pesquisador Moacir Barbosa.

Na entrevista, Barreto Neto relatou etapas de sua trajetória de crítico cinematográfico, começando com os seus primeiros contatos com filmes e jornais, quando ainda era um garoto de tenra idade na sua Coremas

de origem. “O cinema me fascinou desde menino – relatou – quando uns frades missionários, depois dos ofícios religiosos, projetaram, numa grande parede branca do lado de fora da igreja, um filme de guerra, em preto e branco, chamado (nunca vou me esquecer) *A cruz de Lorena*. Foi – confessou comovido – o primeiro filme que vi na vida”.

Já o primeiro jornal em que pôs os olhos foi o *Diário de Pernambuco*, que o dono de uma mercearia lhe emprestava todo dia. Ficou tão fascinado com essas leituras diárias que – “pode parecer coisa de cinebiografia hollywoodiana – se desculpou – mas eu costumava arrancar folhas dos cadernos escolares para fazer o meu jornal, escrito em letra de forma, a lápis grafite, com ‘notícias’ da família, dos amigos e das brincadeiras da meninada”.

Quando a família mudou-se para Patos, o garoto Barreto Neto não perdia as matinês de domingo do Cine Eldorado, que também frequentava todas as vezes em que tinha chance de matar aulas no colégio. De origem humilde, estudava à noite e trabalhava de dia numa tipografia. Do salário que recebia, metade era gasta com livros e revistas, dentre as quais a principal era *O Cruzeiro*, onde lia a coluna de José Amádio cujos “comentários brincalhões e jocosos” passavam por crítica de cinema.

Mas a crítica de cinema *tout court*, o jovem Barreto Neto só iria conhecer nos jornais da capital, para onde mudou-se em 1957.

A coluna no jornal *A União*, assinada por José Ramos, depois por Jurandy Barroso e, em seguida, por Linduarte Noronha, e a de *O Norte*, no qual se revezavam Geraldo Carvalho, Wills Leal e, de vez em quando, Geraldo Sobral, foram as suas primeiras aproximações ao métier.

Na verdade, a sua iniciação na atividade de crítica cinematográfica foi precedida de toda uma formação, que ele assim descreveu: “Quando comecei a frequentar as sessões e debates no ‘Cineclube de João Pessoa’, tive os primeiros contatos com publicações especializadas, entre elas a revista de crítica cinematográfica de Minas Gerais.”

“Ao entrar para a redação de *A União* – continuou – conheci Linduarte Noronha, João Ramiro Melo e Vladimir Carvalho e, por intermédio deles, Geraldo Carvalho, em torno de quem ▶

▶ se aglutinava a turma de cinema. Os papos com essa turma me deram régua e compasso para a aventura da crítica. A timidez – revelou, saudoso – foi vencida por Vladimir, a quem eu costumava mostrar o que escrevia. Um dia, ele pegou um desses textos e levou para *O Correio da Paraíba*”.

Segundo Barreto Neto, esse foi o pontapé inicial, mas só começou de forma regular alguns meses depois, quando Linduarte Noronha viajou ao Rio de Janeiro para montar o *Cajueiro Nordestino* e o deixou como substituto na coluna de cinema de *A União*. “Comecei meio sem jeito – relembrou, modesto como sempre – mas, com o estímulo da turma, acabei dando certo”. E como deu, acrescentamos nós.

“Na Biblioteca Pública e na redação de *A União* – prosseguiu – tive acesso aos grandes jornais do eixo Rio-São Paulo e neles descobri os grandes críticos de cinema, como Moniz Viana, Alex Vianny, Octávio Bonfim, Rubem Biáfora, Paulo Emílio, Paulo Perdigão, Sérgio Augusto. Na *Revista de Crítica Cinematográfica* de Belo Horizonte, José Haroldo Pereira, Cyro Siqueira, Maurício Gomes Leite, Sylviano Santiago, e outros. Além desses críticos, eu lia todo livro sobre cinema que aparecia nas livrarias locais, e os que adquiria fora, por encomenda.”

Particularmente instrutivo para uma eventual reconstituição da época, é o seu depoimento sobre a saudosa Associação de Críticos Cinematográficos da Paraíba: “A grande proliferação de críticos de cinema em João Pessoa coincidiu com a fase dos movimentos de renovação do cinema no mundo, aí incluído o Brasil, mas foi também – nos informou, seguro – o resultado da atuação da ACCP, um marco na difusão da cultura cinematográfica em toda a Paraíba, uma vez que os reflexos de sua atuação se fizeram sentir além da capital. Direta ou indiretamente, foi a ACCP que abriu espaços para a crítica em jornais e emissoras de rádio, aqui (em João Pessoa) e em Campina Grande. Ela promoveu exhibições de filmes de arte, sempre seguidas de palestras, incentivou e apoiou à fundação de cineclubes, organizou painéis, exposições, festivais”.

“Nada acontecia na cidade, em relação a cinema, que não tivesse a participação ou pelo menos o apoio institucional da ACCP, que surgiu –

relatou – como uma espécie de reação à orientação católica do ‘Cineclube de João Pessoa’, pautada nas diretrizes da Encíclica Vigilanti Cura, do Papa Pio XII. Essa encíclica, de 1955, aproximava a igreja do cinema, visto como um veículo potencial de catequese. Cofundado pelo professor José Rafael de Menezes, o ‘Cineclube de João Pessoa’, fruto dessa orientação, propunha uma crítica que privilegiasse os valores morais do filme, às vezes em detrimento dos valores estéticos. Tinha até uma ‘cotação moral’ dos filmes exibidos na cidade, semanalmente divulgada. Pois a ACCP – esclareceu Barreto Neto – surgiu da rebeldia dos críticos mais jovens contra essa orientação.”

Segundo Barreto Neto a ACCP nunca foi legalmente estruturada e não tinha recursos financeiros, nem sede própria, funcionando numa salinha da API (Associação Paraibana de Imprensa).

“Nunca cobrou mensalidade dos sócios. Assim, sem patrimônio e sem capital, vivia do prestígio dos sócios (quase todos bem posicionados nos jornais onde escreviam) junto ao poder público e a setores de iniciativa privada”, e, no entanto, “agitou realmente o ambiente cultural da cidade, e isso, de forma democrática, atraindo para suas promoções, escritores, professores universitários e jornalistas. Virgínius da Gama e Melo e Juarez Batista, por exemplo, participaram várias vezes de suas atividades. Quando esses sócios abandonaram a crítica, atraídos por atividades mais rendosas do que o jornalismo, a ACCP esvaziou-se. Aí – lamentou – veio a ditadura, e em seguida, o AI-5, pondo sob suspeita todo tipo de associação. E a ACCP acabou.”

Quais os requisitos para uma pessoa fazer crítica de cinema? Para Barreto Neto é necessária, antes de tudo, uma formação básica. “Por formação básica – explicou-nos – quero dizer um mínimo de conhecimento

da teoria geral da arte e das teorias específicas do cinema. Sem ter pelo menos noções gerais de linguagem e história cinematográficas, não se pode ‘ler’ um filme. E sem ‘ler’ um filme não se pode analisá-lo. Além disso, o máximo que se puder acumular de cultura geral”.

Jornalista competente e dedicado, Barreto Neto terminaria por galgar uma bem-sucedida carreira na área, atravessando todos os escalões da profissão, vindo a ocupar posições destacadas, como diretor ou editor geral. Mas claro, para meio mundo de cinéfilos paraibanos, é como crítico de cinema que seu nome se impõe à posteridade

A minha última pergunta a Barreto Neto não poderia deixar de ter sido sobre as suas preferências cinematográficas, e lhe pedi a sua lista pessoal dos dez melhores filmes, em todos os tempos e espaços. Eis, portanto, o suprassumo do cinema, segundo Antônio Barreto Neto:

Cidadão Kane

(Orson Welles, 1942, E.U.A)

Ladrões de Bicicleta

(Vittorio DeSica, 1948, Itália)

Morangos Silvestres

(Ingmar Bergman, 1957, Suécia)

Rashomon

(Akira Kurosawa, 1950, Japão)

Viridiana

(Luis Buñuel, 1961, Espanha)

Rocco e Seus Irmãos

(Luchino Visconti, 1960, Itália)

Oito e Meio

(Federico Fellini, 1963, Itália)

Rastros de Ódio

(John Ford, 1956, E.U.A.)

Blow-Up - Depois Daquele Beijo

(Michelangelo Antonioni, 1967, Itália)

Janela Indiscreta

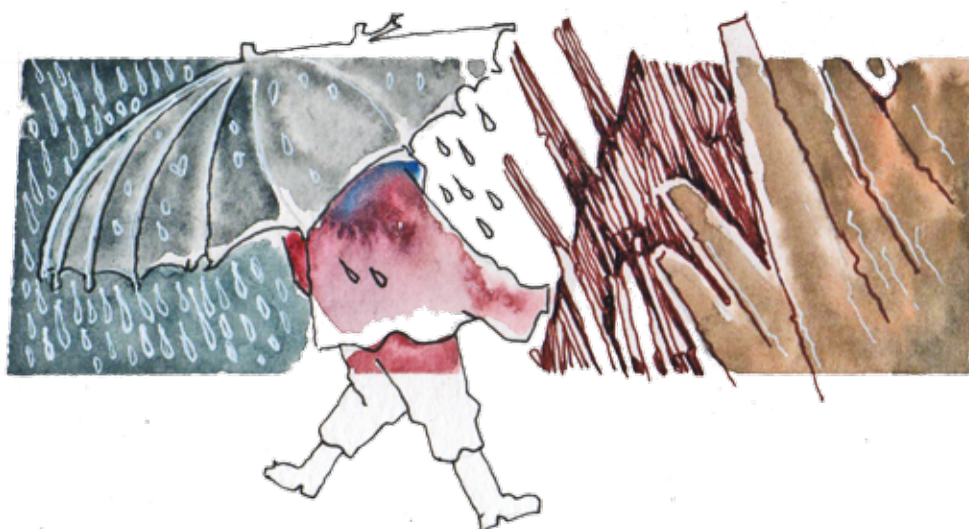
(Alfred Hitchcock, 1954, E.U.A.) ▶

João Batista de Brito é professor, escritor, crítico de cinema e literatura, além de colunista do *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa (PB).



No Brasil, sem guarda-chuva*

(para Antônio Barreto Neto, *in memoriam*)



Incrível como veio rápido a ruptura com Jeff. Há apenas três meses tudo parecia decidido: superaríamos as nossas tão gritantes divergências e ficaríamos juntos para sempre.

Claro, horrendo como foi, aquele incidente contribuiu para essa impressão momentânea de afinamento: um marido assassinando a esposa inválida, quase diante de nossos olhos. Era abrir a janela e ver...

Na verdade, adorei a minha participação no desvendamento do caso, só possível por causa da perna quebrada de Jeff. Ter descido para escavar o jardim em busca de vestígios do crime, e depois, por conta própria, ter subido ao apartamento sinistro e ter enfrentado o criminoso cara a cara. Era a minha forma de mostrar a Jeff que uma moça rica e mimada como eu poderia, sim, fazer o duro trabalho de um humilde repórter; o que por tabela devia implicar que um humilde repórter como Jeff poderia, eventualmente, levar a vida de marido de mulher rica.

O fato é que a satisfação de, contra tudo e todos, estarmos certos no desvendamento desse caso horrendo nos uniu incrivelmente, e, por um momento, talvez por

uns dias, acreditamos que, retirado o gesso das – agora – duas pernas quebradas de Jeff, a nossa história, como se diz em cinema, teria um final feliz.

Hoje à noite digo sim, no altar, a um homem que nem sei se amo, um megaempresário que, para qualquer moça solteira, tem cheiro de príncipe encantado. Não sei como será nosso dia a dia, ele envolvido com suas empresas e eu com meus compromissos de socialite. De qualquer forma, minha família e a sociedade nova-iorquina acreditam que se trata do homem certo para Lisa Carol Freemont.

Esquecerei L. B. Jeffries e seu precário apartamento de Greenwich Village?

Como saber? Por enquanto não tenho conseguido reprimir a curiosidade de checar, entre uma revista de moda e outra, o noticiário dos jornais do mundo. Da última notícia que li, ele, as pernas já saradas, estava a trabalho em plena selva amazônica, debaixo de uma chuva torrencial, coitado, num país – uma vez ele me disse – em que um simples guarda-chuva é coisa completamente inacessível. ❖

(*) Miniconto extraído do livro de minha autoria, *Um beijo é só um beijo – minicontos para cinéfilos*, João Pessoa: Manufatura, 2002.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

1º Lugar Prêmio ABEU, na categoria Ciências Humanas

A trilogia *Cartas a Paulo Freire*, coordenado pelo professor Cidival Moraes, é uma produção resultante da parceria entre a Editora A União e a EDUEPB, dentro das homenagens do centenário do educador, escritor e filósofo que lançou as bases de uma educação libertadora.



Escritas por quem ousa esperar, escrito para você!

Adquira o Box. (83) 98855.3199

@editoraauniao



Transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac